



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 02/03/2018

GLOBAL	2
Cotexto internacional provocaría una mejora en la demanda de carnes.....	2
Rabobank proyecta mayor oferta mundial e carnes bovinas.....	2
FAO El índice de precios de los alimentos de la FAO sube ligeramente en febrero.....	4
BRASIL	5
Escaso interés comprador presiona hacia abajo los precios de la hacienda.....	5
Exportaciones de carnes bovinas aumentaron en valor y volumen.....	5
Comité Científico de OIE analizará el pedido de Brasil para ser declarado como zona libre con vacunación.....	5
Optimismo de los exportadores ante una mejora en el estatus sanitario.....	6
Rabobank: producción brasileña de carnes bovinas aumentaría 5 por ciento en 2018.....	7
URUGUAY	7
Con faena récord se estabiliza el precio del ganado gordo.....	7
El sector cárnico generó 16% más divisas en el comienzo del año.....	8
Gremiales dicen que las medidas del Ejecutivo no contemplan “la grave situación del agro”.....	8
Media res y carne con hueso suben \$ 5 el kilo; no aumenta el asado ni pulpas al vacío.....	8
Devuelven certificación a frigorífico para exportar a la UE.....	9
PARAGUAY	9
Precio local de ganado sigue como el más alto de la región.....	9
Promocionan la carne paraguaya en Medio Oriente.....	10
Marquisá: “Paraguay será un actor fundamental en el mercado de la carne”.....	10
CHILE suspendió envíos de carne de al menos 5 frigoríficos paraguayos.....	11
Frigoríficos estarían listos en 30 días para nuevo control chileno.....	11
Cinco frigoríficos seguirán exportando a Chile.....	12
Deficiencia de frigoríficos afecta a ganaderos en el precio, señala ARP.....	12
La faena de bovinos creció en 27%.....	13
Fondo de UE para ganadería.....	13
ACUERDO UNIÓN EUROPEA - MERCOSUR	13
Mercosur y UE Ronda de negociación en Asunción 21/02 al 02/03.....	13
UE: Copa-Cogeca en alerta por el acuerdo con Mercosul.....	14
Macron y las “líneas rojas” en el TLC UE-Mercosur.....	14
Foro Mercosur de la Carne solicitó a la UE 160.000 toneladas de carne vacuna.....	15
Negociaciones para acuerdo Mercosur-UE finalizarían en dos o tres semanas: Paraguay.....	15
BREXIT	16
REINO UNIDO y UE crean “task force” para el sector vacuno.....	16
Preocupan las propuestas de la Primera Ministra May.....	18
ESTADOS UNIDOS	19
Sequía aumenta el número de animales en feed lots.....	19
Aumenta la contribución en la fana de ganado procedente de corrales con más de 1000 cabezas.....	20
TAILANDIA: reingresa carne Americana con hueso después de 14 años.....	20
MEDIO ORIENTE tiene un enorme potencial para los exportadores estadounidenses.....	21
CHINA Evolución del Mercado de carnes enfriadas.....	21
BIELORUSIA accedió al Mercado chino.....	23
VARIOS	23
INDIA: primer exportador mundial de carnes bovinas según OMC.....	23
AUSTRALIA: aumentan las existencias de bovinos en feed lots.....	24
IRAN – redujo aranceles a la importación de carnes.....	24
INDONESIA otorgó licencias para importar 100 mil toneladas de carne de búfalo.....	24
EMPRESARIAS	25
JBS Cueros recibió certificado de Buenas PRácticas.....	25
BRASIL: hamburgueserías crece este segmento en el mercado.....	25



GLOBAL

Cotexto internacional provocaría una mejora en la demanda de carnes

21 February 2018 The global economy is the strongest it has been since the Global Financial Crisis. The recovery is broad, with developed and developing countries alike posting an improvement in economic growth in 2017.

The speed of turnaround in the US has surprised many – although heavily fuelled by government spending and tax cuts – while Japan has experienced its longest run of growth since the 1980s.

This is good news for an export-oriented Australian red meat industry. In general, people tend to increase meat consumption when they have more disposable income.

The International Monetary Fund has recently released an improved outlook for the world economy, forecasting global output growth of 3.9% in 2018, up from 3.2% in 2016 and an estimated 3.7% last year.

In the developed world, the US, Europe and Japan all appear to have started 2018 on a strong note, spurred on by a cyclical upswing in economic activity, increased trade and US tax cuts.

The International Monetary Fund has an improved outlook for many developing countries, notably Brazil and Saudi Arabia, supported by a lift in commodity prices, in particular oil, and increased export receipts.

Asia is forecast to remain the fastest growing region in the world, with the International Monetary Fund expecting output in China, India and the ASEAN-5 (South-East Asia) to grow at 6.6%, 7.4% and 5.3%, respectively, in 2018.

However, sustained economic growth is not guaranteed and the World Bank's January outlook warned financial stress, increased protectionism (such as trade barriers) and rising geopolitical tensions could derail the recovery. Recent volatility in global financial markets also reflects uncertainty around inflationary pressures and the US central banks' increased willingness to tighten monetary policy.

Nevertheless, if the global economy holds its course, it will support demand in many of Australia's key red meat export markets, represented in the graphic below. Of Australia's top 10 beef markets, all but Japan are forecast to grow real gross domestic product in excess of 2% in 2018 and China, Indonesia and the Philippines are expected to expand 6.5%, 5.3% and 6.3%, respectively (BMI). It's a similar story for Australia's top 10 sheepmeat markets.

Global economic outlook

There are also improved outlooks for some South American economies, particularly Brazil, which teetered out of recession in the second half of 2017. Some of these nations are not key export markets for Australia but they are big beef eaters, and an improved economic outlook will go some way to soaking up excess supply on the global market. Likewise, US beef consumption is on the rise and, if the economic expansion continues, the US will be able to consumer a lot more beef coming through the supply chain.

Global growth is good for Australian livestock producers; however, it is not the only factor determining price. As the last five years have highlighted, weather, and its impact on supply, can have an overwhelming impact on Australian farm gate returns.

Furthermore, if commodity prices continue their recovery, the Australian dollar may once again come under upward pressure (as seen during the years of the mining boom), making Australian beef and lamb less competitive on the global market.

Rabobank proyecta mayor oferta mundial e carnes bovinas

Fonte: Rabobank. 26/02/18 - por Equipe BeefPoint No primeiro semestre de 2017, impactadas pelo recuo das importações do Egito e pelos desdobramentos da operação Carne Fraca, as exportações brasileiras de carne bovina recuaram 8% no comparativo com o mesmo período do ano anterior.

Apesar de um início repleto de dificuldades, o Brasil demonstrou forte poder de recuperação no mercado internacional de carnes. O volume acumulado de exportações de janeiro a outubro já sinaliza aumento de 5% em relação ao observado em 2016.

Vale ressaltar que, entre julho e outubro, o Egito voltou a comprar uma média de cerca de 20 mil toneladas mensais – volume similar ao de 2016, quando o país foi o segundo principal comprador de carne bovina brasileira. Além disso, destaca-se que a China aumentou as suas importações de carne bovina do Brasil em mais de 25% em 2017 (também de janeiro a outubro).

O ponto de atenção, porém, está na Rússia que, em novembro de 2017, anunciou restrições às importações de carnes do Brasil. Apesar das incertezas quanto à duração desse embargo, fica claro que a alta exposição ao mercado russo ainda é um risco ao desempenho das exportações de carnes em 2018, já que a Rússia é o terceiro maior comprador de carne bovina do Brasil e é o destino número um da carne suína brasileira. Vale destacar que em 2018 se consolida um cenário de aumento de oferta de carne bovina, como resultado do aumento esperado no número de animais terminados – tanto pelo aumento do



abate de fêmeas, quanto pela postergação de abates observada parcialmente em 2017. Assim, a perspectiva é de aumento na disponibilidade de volumes para exportação.

De toda forma, parte da produção adicional deve ser absorvida pelo próprio mercado interno, que já mostrou sinais de recuperação em 2017. Vale lembrar que, como resultado da crise econômica e aumento do desemprego, houve dois anos consecutivos de redução de consumo per capita de carne bovina no Brasil. É importante destacar, portanto, a elevada relação entre a renda disponível e o consumo de carne bovina do brasileiro.

Se, por um lado, o resultado de tal relação foi negativo nos anos de recessão econômica, por outro, deve proporcionar uma retomada do consumo interno em um cenário de crescimento do PIB. O Rabobank estima que o potencial de recuperação é de até 4 kg per capita ao longo dos próximos dois anos.

É importante destacar que 2018 é um ano eleitoral e, conseqüentemente, de instabilidade no ambiente político, o que pode gerar reflexos pontuais no mercado de carne bovina. Com isso, a recomendação para os produtores é de uma gestão de riscos com foco nas margens e não em preços.

Assim, o produtor de gado de corte no Brasil deve, em 2018, aumentar esforços no entendimento de seus custos para a potencial utilização de ferramentas financeiras com foco no mercado futuro, com o objetivo de garantir margens satisfatórias e de acordo com suas estratégias.

Quanto aos custos de produção para a produção intensiva e semi-intensiva, a relação de troca entre o boi gordo e o bezerro ou boi magro deve permanecer acima dos patamares históricos – beneficiando o produtor que realiza a recria e engorda. Por outro lado, as cotações do milho em 2018 ainda estão indefinidas e poderão ser um ponto de atenção – a depender do volume de produção da segunda safra.

Já em relação aos frigoríficos, considerando o aumento esperado de disponibilidade de boi gordo, há perspectiva de expansão. A expectativa é que a indústria deva converter a oportunidade de maior oferta em resultados mais positivos, também considerando a esperada retomada da demanda interna, mesmo que ainda parcial em 2018.

O ano de 2018 parece ser mais promissor para todos os atores da cadeia de carne bovina no Brasil. Porém, isso não significa um cenário estável de preços. Na realidade, maior volatilidade parece ser o cenário mais possível para 2018, principalmente em um cenário de restrições no mercado internacional. Assim, resultados consistentes serão definidos principalmente pelos níveis de conhecimento e gestão de cada propriedade.

Rabobank prevé una demanda firme desde China por la carne

Marzo 2, 2018 Precisó que más países podrán exportar a ese destino aumentando la competencia

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador -

Rabobank proyectó para 2018 un nuevo aumento en las importaciones chinas de carne vacuna enfriada, en un contexto de limitada producción doméstica, con más actores entrando a ese mercado. Así surge del informe para el primer trimestre de 2018 del banco especializado en materias primas, que prevé un incremento en la oferta tanto en Brasil como en Estados Unidos.

En su reporte, mencionó que China está habilitando más países a los que importarle carne vacuna "intensificando la competencia en el mercado".

Los analistas señalaron que se dio la habilitación para la carne vacuna enfriada desde Argentina, siendo el cuarto país en lograr ese acceso por detrás de Estados Unidos, Australia y Nueva Zelanda. En el citado reporte se omite a Uruguay en la lista de países que pueden acceder con carne enfriada al mercado chino.

En el caso de Argentina, los últimos informes desde ese país destacan las altas exigencias chinas en el protocolo para importar cortes enfriados, lo que moderó el optimismo por esta corriente comercial.

En relación a carne congelada, Bielorrusia logró luz verde para entrar al mercado chino con dos plantas autorizadas para embarcar ya en enero. Y China firmó protocolos para importar carne vacuna desde Francia y Reino Unido; los embarques se pueden iniciar en los próximos meses.

Rabobank dijo también que el primer embarque de ganado australiano en pie ingresado en enero a China "es el indicador más fuerte que este tipo de comercia podría volverse más permanente".

En China los precios para la carne vacuna se afirmaron en los últimos meses. En enero el precio del ganado terminado fue 8% superior a un año atrás. La relación de precios entre carne vacuna y porcina fue 2,5 contra 2,2 de enero de 2017. Para este año se prevé que la oferta doméstica de ganado y carne vacuna siga limitada.

Brasil fue junto a Uruguay el principal proveedor de carne vacuna durante 2017, año que las importaciones crecieron 20%.

Rabobank considera que, impulsada por una mayor oferta de vacas destinada a faena, la producción brasileña de carne vacuna crecerá 5% durante 2018 llegando a 9,8 millones de toneladas.

Para Australia el banco citó que las condiciones climáticas más secas como un factor que puede limitar el crecimiento de la producción este año. En 2017 la faena cayó 2% con una recuperación en el segundo



semestre en la medida que el déficit de lluvias aumentó la oferta. Con mayor cantidad de ganado desde los feedlots, la producción de carne el año pasado subió 1% a 2,13 millones de toneladas.

Las condiciones secas en Queensland –representa el 40% del rodeo del país– demorarán el proceso de recomposición del rodeo y limitará el crecimiento de la producción en 2018.

FAO El índice de precios de los alimentos de la FAO sube ligeramente en febrero

Fecha de publicación: 1/03/2018 » El índice de precios de los alimentos de la FAO* se situó en febrero de 2018 en un promedio de 170,8 puntos, es decir, un 1,1 % (o 1,8 puntos) más que en enero, aunque todavía un 2,7 % menos que su valor en el mismo período del año pasado. Los precios internacionales más altos de los productos lácteos y los cereales contribuyeron a la subida intermensual del valor del índice, mientras que los precios del azúcar y los aceites vegetales disminuyeron y los precios de la carne se mantuvieron estables.

» El índice de precios de los cereales de la FAO registró un promedio de 160,8 puntos en febrero, esto es, un 2,5 % (4 puntos) más que en enero y un 6,8 % más que en febrero de 2017. Con el aumento de febrero, el valor del índice mostró un incremento intermensual de apreciable fuerza por segundo mes consecutivo, después de un período relativamente estable entre agosto y diciembre del año pasado. Los precios de los cereales se fortalecieron en general en febrero, sustentados por una enérgica actividad comercial y preocupaciones acerca de las condiciones atmosféricas adversas que afectaron las regiones de cultivo de trigo de invierno en los Estados Unidos de América y de maíz en la Argentina. Los precios internacionales del arroz también se fortalecieron, aunque los aumentos se vieron limitados por la disminución de la demanda mundial de suministros de arroz Indica.

» El índice de precios de los aceites vegetales de la FAO registró en febrero un promedio de 158 puntos, es decir, un 3,1 % (o 5,1 puntos) menos que en enero, marcando el nivel mínimo en 19 meses. Los precios de la mayoría de los aceites vegetales se debilitaron debido a la perspectiva de un crecimiento del excedente de producción mundial en 2017/18. Las cotizaciones del aceite de palma fueron las que más bajaron, debido a actividades de exportación más débiles que lo previsto y al aumento de las existencias en Malasia e Indonesia. Mientras tanto, la previsión de una molienda de soja récord en los Estados Unidos de América influyó en las cotizaciones internacionales de la soja, al tiempo que los precios de la colza sufrieron presiones debido al escaso dinamismo de la demanda (principalmente del sector del biodiésel).

» El índice de los productos lácteos de la FAO registró en febrero un promedio de 191,1 puntos, esto es, 11,2 puntos (un 6,2 %) más que en enero, si bien todavía ligeramente por debajo de su nivel en el mismo período del año pasado. Las cotizaciones internacionales de los cuatro productos lácteos que constituyen el índice registraron aumentos, impulsadas por una fuerte demanda de importación junto con una producción de leche menor que la prevista en Nueva Zelanda. Las cotizaciones de la manteca aumentaron casi un 6 % después de haber disminuido durante cuatro meses consecutivos tras alcanzar su nivel máximo reciente en septiembre de 2017. También aumentaron las cotizaciones del queso y la leche entera en polvo, sustentadas por una sólida demanda en Europa y Asia, mientras que una firme demanda mundial presionó al alza los valores de la leche desnatada en polvo.

» El índice de precios de la carne de la FAO registró en febrero un promedio de 169 puntos, casi sin cambios respecto de su valor ligeramente revisado de enero de 2018 y casi un 5 % por encima del promedio registrado en el mismo momento del año pasado. El aumento de las cotizaciones internacionales de los precios de la carne de bovino fue compensado por disminuciones en las cotizaciones de la carne de aves de corral y de porcino, mientras que las cotizaciones de la carne de ovino se mantuvieron prácticamente sin cambios. Las limitadas disponibilidades exportables de Nueva Zelanda ocasionaron un fortalecimiento de los precios de la carne de bovino por segundo mes consecutivo. Las cotizaciones internacionales de los precios de la carne de aves de corral disminuyeron por cuarto mes consecutivo, principalmente a causa de abundantes disponibilidades exportables en las principales regiones productoras. El índice de precios de la carne de porcino sufrió presiones debido a la limitada demanda mundial de importación, que siguió cayendo desde septiembre de 2017.

» El índice de precios del azúcar de la FAO registró en abril un promedio de 193 puntos, o sea, 3,4 % (o 7 puntos) menos que en enero y su valor más bajo en dos años. Los precios internacionales del azúcar continuaron sufriendo presiones a la baja debido a que continuó aumentando la producción de los principales productores, como Tailandia y la India. Los mercados del azúcar también se mantuvieron deprimidos en previsión de un marcado aumento de la producción de la UE en 2017/18, impulsado por mayores rendimientos de los cultivos de remolacha y la eliminación de los cupos de producción el año pasado, que dio lugar a un incremento de la superficie plantada.



BRASIL

Escaso interés comprador presiona hacia abajo los precios de la hacienda

Sexta-feira, 2 de março de 2018 - Sazonalmente, neste período que antecede a entrada de salários, o varejo intensifica suas compras junto às indústrias para a recomposição de estoque, pois se espera melhoria do consumo por parte da população.

Naturalmente isso gera uma expectativa de firmeza nas cotações da arroba do boi gordo, porém esse movimento não é observado até aqui.

Reflexo disso foi o comportamento das cotações no mercado atacadista de carne bovina. Para os cortes sem osso queda de 2,4%, em média, e para a carne com osso, preços praticamente estáveis.

Apesar da demanda não reagir, as cotações em sua maioria, andam de lado. Pois com capacidade de suporte suficiente para a retenção do gado, pecuaristas relutam em entregar suas boiadas a preços abaixo da referência.

De maneira geral há oferta de boiadas, e quando as indústrias oferecem preços maiores os negócios fluem com maior facilidade.

Com isso, é a demanda que deve ditar o rumo que a arroba do boi gordo vai tomar no curto prazo.

01/03/18 - por Equipe BeefPoint O mercado pecuário finaliza o primeiro bimestre deste ano marcado pela cautela. Depois de um 2017 conturbado, o ritmo de negócios envolvendo boi gordo tem sido lento neste ano, de acordo com colaboradores do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP).

No geral, novos lotes de animais para abate são adquiridos apenas quando há necessidade por parte dos frigoríficos. Muitos destes compradores indicam que as vendas de carne no mercado atacadista ainda não se aqueceram. Já no front externo, as exportações brasileiras de carne bovina in natura apresentaram bom ritmo nos 10 primeiros dias úteis de fevereiro.

Quanto aos preços, com a baixa liquidez interna, a média do boi gordo no primeiro bimestre deste ano variou pouco frente à verificada no mesmo período de 2017 na maioria das regiões acompanhadas pelo Cepea, em termos nominais.

Exportaciones de carnes bovinas aumentaron en valor y volumen

Fonte: Estadão. 02/03/18 - por Equipe BeefPoint As exportações de carne bovina cresceram tanto em quantidade quanto em faturamento em fevereiro, na comparação com igual mês do ano passado, de acordo com dados divulgados nesta quinta-feira, 1º de março, pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Já os embarques das proteínas de frango e suína recuaram na mesma base de comparação. Em relação a janeiro passado, todos os segmentos tiveram desempenho negativo.

Em carne bovina in natura, foram exportadas 98,1 mil toneladas, 24% mais ante as 79,28 mil toneladas de fevereiro do ano passado e leve queda de 1,4% ante as 99,5 mil toneladas embarcadas em janeiro último.

A receita somou US\$ 392,5 milhões, 21% maior do que os US\$ 325,963 milhões obtidos em fevereiro de 2017 e queda de 7,8% ante os US\$ 452,8 milhões de janeiro.

O preço médio pago pela tonelada, por sua vez, caiu 2,7% ante fevereiro de 2017, para US\$ 4.000, e ficou 6,5% abaixo em relação à média de janeiro.

Acumulado

Nos dois primeiros meses de 2018, as vendas de carne bovina totalizaram 197,6 mil toneladas, ante 166,433 mil toneladas em igual período do ano passado (+18,7%). Já o faturamento ficou em US\$ 818,3 milhões este ano, valor 20,6% maior que os US\$ 678,458 milhões obtidos entre janeiro e fevereiro de 2017.

Sobre as vendas externas de carne de frango in natura, houve queda de 5% no volume acumulado até fevereiro, no comparativo anual, para 594,3 mil t (ante 626,359 mil t). Em faturamento, o recuo foi de 11%, de US\$ 1,026 bilhão para US\$ 913,5 milhões.

Também no acumulado do ano, as exportações de carne suína in natura recuaram 23,25%, atingindo US\$ 174,4 milhões ante US\$ 227,232 milhões em 2017. Em volume, a queda foi de 18%, passando de 98,65 mil toneladas para 81 mil toneladas.

Comité Científico de OIE analizará el pedido de Brasil para ser declarado como zona libre con vacunación

21/02/18 - por Equipe BeefPoint O Comitê Científico da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) recomendou que o Brasil seja reconhecido como livre da febre aftosa com vacinação aos 180 países integrantes da OIE. Com isso, 25 estados e o Distrito Federal tendem a ser declarados livres da aftosa com vacinação pelo organismo internacional. Santa Catarina é reconhecida pela OIE como livre da doença sem vacinação desde 2007.



A decisão deverá ser anunciada na assembleia geral da entidade a realizar-se em Paris de 20 a 25 de maio, e o certificado de país livre de aftosa será entregue no dia 24. O ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Blairo Maggi, deverá estar presente na solenidade. Também está prevista a presença do presidente Michel Temer.

Após a decisão a ser tomada em maio próximo, o Brasil, de acordo com cronograma já aprovado, irá intensificar os esforços para ser declarado livre da aftosa sem vacinação até 2023. "Será o grande salto da pecuária brasileira", acredita Maggi.

Segundo o diretor do Departamento de Saúde Animal do Mapa e representante do Brasil na OIE, Guilherme Marques, "com o excelente relatório enviado pelo Brasil, a ausência da circulação do vírus no país e as medidas adotadas para evitar a doença, o Comitê Científico enviará sua recomendação do Brasil livre da aftosa com vacinação aos países integrantes da OIE. Em maio, será uma etapa formal, quando os países deverão acatar recomendação do comitê", avalia Marques. O Comitê Científico recomendou ao Brasil reforçar a vigilância das fronteiras com a Venezuela e Colômbia, para evitar eventual reingresso da doença no Brasil.

20 de fevereiro de 2018 - Segundo Blairo Maggi, confirmação deve ser feita na reunião da organização em maio

Ampliar foto OIE vai declarar BR livre da aftosa com vacinação Próximo passo é declarar o BR livre de febre aftosa sem vacinação

O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, informou nesta terça-feira, 20, que a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) aceitou a proposta do Brasil de se tornar um país livre de febre aftosa com vacinação. Em um vídeo, publicado em sua conta no Twitter, Maggi disse que a declaração deve ser oficializada entre os dias 20 e 25 de maio, durante reunião da OIE, em sua sede em Paris, na França.

"Isso é um pleito antigo, são mais de 60 anos de luta de vários governos e lideranças da pecuária nacional que trabalharam muito para chegar nisso", diz o ministro.

No vídeo, ele afirmou, ainda, que convidou o presidente Michel Temer para a reunião. "A partir daí vamos trabalhar para declarar o Brasil livre de febre aftosa sem vacinação, o que deverá ocorrer por 2022 ou 2023", acrescentou.

O Brasil já tem a maior parte do seu território declarado livre da doença com vacinação, porém, regiões do Amazonas, Amapá e Pará alcançaram esse status recentemente, o que possibilitaria a classificação nacional.

A exceção é o Estado de Santa Catarina, que é considerado livre da doença sem vacinação.

Optimismo de los exportadores ante una mejora en el estatus sanitario

21 de fevereiro de 2018 Entidades de MT acreditam que reconhecimento da OIE ajudará a aumentar as exportações de carne

A "chancela" do órgão é considerada um avanço para a pecuária de corte, já que o reconhecimento é capaz de abrir novos mercados à carne brasileira. "A OIE informou ao governo brasileiro através do Mapa que aceitou a nossa proposta para declarar o Brasil livre de febre aftosa com vacinação. Isso é um pleito antigo, são mais de 60 anos de lutas de vários governos e lideranças da pecuária nacional que trabalharam muito para chegar neste processo. E eu, como ministro da Agricultura, estou extremamente feliz", ressaltou Maggi em uma rede social.

Segundo o ministro, entre os dias 20 e 25 de maio haverá uma reunião na OIE que irá sacramentar esse reconhecimento. O evento contará com a participação dele e do residente da República, Michel Temer. "A partir daí estaremos trabalhando para tornar o Brasil livre da febre aftosa sem vacinação, que será o grande salto da pecuária brasileira", destacou o ministro.

A retirada da vacina está programada para acontecer a partir deste ano e será realizada em etapas. Mato Grosso está dentro da última etapa e deverá retirar completamente a vacinação a partir de 2021.

Para Paulo Bellincanta, vice-presidente do Sindicato das Indústrias Frigoríficas (Sindifrigor/MT), o principal avanço para a economia estadual e do país ocorrerá quando houver o reconhecimento como território livre da febre aftosa sem a vacinação. "Isso sim dará novo rumo à pecuária, porque mesmo com a vacinação já conseguimos conquistar mercados que outros não conseguiram".

O diretor técnico da Associação dos Criadores (Acrimat), Francisco Manzi, acredita na abertura de novos mercados já com o reconhecimento de todo o país como livre da febre aftosa com a vacina. "O Japão, por exemplo, afirma que não compra a carne com a vacina, mas o Uruguai já consegue exportar para eles, mesmo fazendo a vacinação. Isso nos abre a possibilidade de abertura a este mercado", avalia.

Fonte: Acrimat, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.22/02/18 - por Equipe BeefPoint

A OIE informou ao governo brasileiro através do Mapa que aceitou a nossa proposta para declarar o Brasil livre de febre aftosa com vacinação.



Para Paulo Bellincanta, vice-presidente do Sindicato das Indústrias Frigoríficas (Sindifrigo/MT), o principal avanço para a economia estadual e do país ocorrerá quando houver o reconhecimento como território livre da febre aftosa sem a vacinação. “Isso sim dará novo rumo à pecuária, porque mesmo com a vacinação já conseguimos conquistar mercados que outros não conseguiram”.

O diretor técnico da Associação dos Criadores (Acrimat), Francisco Manzi, acredita na abertura de novos mercados já com o reconhecimento de todo o país como livre da febre aftosa com a vacina. “O Japão, por exemplo, afirma que não compra a carne com a vacina, mas o Uruguai já consegue exportar para eles, mesmo fazendo a vacinação. Isso nos abre a possibilidade de abertura a este mercado”, avalia.

Rabobank: producción brasileña de carnes bovinas aumentaría 5 por ciento en 2018

23/02/18 - por Equipe BeefPoint Impulsionada pela maior oferta de vacas que serão destinadas ao abate, a produção brasileira de carne bovina deverá crescer 5% em 2018, de acordo com estimativa do Rabobank.

Em relatório divulgado hoje, o banco holandês projetou que os frigoríficos brasileiros produzirão mais de 9,8 milhões de toneladas de carne bovina neste ano.

O aumento do abate de vacas faz parte do processo de inversão do ciclo da pecuária que está em curso. Com os preços dos bezerros em queda, os criadores são estimulados a vender mais vacas, o que impulsiona os abates de bovinos do país.

Na avaliação do Rabobank, 2018 será um ano positivo tanto para os frigoríficos quanto para os pecuaristas. Com a maior oferta de gado para o abate, os frigoríficos devem reduzir a ociosidade, reduzindo custos fixos, apontou o relatório do banco. Do seu lado, os pecuaristas serão beneficiados por custos mais baixos com boi magro.

De acordo com o banco holandês, o ritmo da recuperação do consumo de carne bovina no Brasil será fundamental para definir a cotação do boi gordo. No relatório, o Rabobank cita a projeção de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil entre 2% e 3% em 2018. O crescimento da economia brasileira deve contribuir para o consumo de carne, o que o Rabobank considera ser “bem vindo” tendo em vista a maior oferta disponível.

URUGUAY

Con faena récord se estabiliza el precio del ganado gordo

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Marzo 2, 2018 Los negocios por los mejores novillos producidos se concretan entre US\$ 3,15 y US\$ 3,20 por kilo carcasa

El mercado de la hacienda gorda se estabilizó esta semana. No sorprende, pues van varias semanas con muy alta faena y la pasada fue la de mayor actividad en lo que va del año. Para los mejores novillos producidos en base a pasturas, los negocios se concretan entre US\$ 3,15 y US\$ 3,20 por kilo carcasa. Los ganados especiales pueden concretar algún centavo más, pero eso es algo cada vez más difícil de conseguir.

Para la vaca gorda los valores se ubican entre US\$ 2,90 y US\$ 3,00 por kilo.

La vaquillona, que continua muy demandada por el abasto, cotiza en el eje de los US\$ 3,10 por kilo.

Las entradas a planta están más demoradas que durante las semanas anteriores, estando en aproximadamente 10 días.

En lo que refiere a reposición, hay una mayor oferta, característica en esta época del año y acentuada por la escasez de lluvias. La categoría terneros, cuya zafra está empezando, es la más firme impulsada por la exportación en pie.

Nuevas referencias

En el remate de esta semana de Pantalla Uruguay los terneros y terneras se mantuvieron firmes, con un promedio US\$ 2,18 y US\$ 1,74 por kilo, respectivamente, un 4% y 12% por encima del promedio del remate anterior y el mayor precio logrado desde el remate de octubre de 2017. Sin embargo, la sequía se hace sentir. La vaca de internada y la vaca preñada bajaron ambas 6% respecto al remate anterior a US\$ 1,16 por kilo y US\$ 490 el bulto, respectivamente.

Lo que indicó Consignatarios

La Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG), por su parte, mantuvo las referencias para novillo y vaca en US\$ 3,20 y US\$ 2,98 por kilo carcasa, respectivamente. En la reposición los terneros mantuvieron el promedio en US\$ 2,09. Los novillos, vaquillonas y vaquillonas y vacas preñadas ajustaron sus valores al alza.

La mayor faena del año

La mayor oferta de ganado determinó la mayor faena en lo que va del año, alcanzando registros de actividad récord. En la semana cerrada el sábado 24 se acercó a las 54.000 cabezas, en su sexta semana consecutiva por encima de las 50 mil. Totalizó 53.949 cabezas, cifra 6% por encima de los 50.980



animales enviados a planta la semana anterior y 8% por encima de las 49.871 cabezas de igual período del año pasado. Del total de la faena, el 47,2% fueron vacas (25.453 cabezas) y el 51,4% novillos (27.754).

La faena de febrero superará las 200.000 cabezas y será el mayor registro en la historia para ese mes.

Sigue firme el precio para la exportación de carne bovina

El precio de exportación de carne vacuna mostró un aumento semanal, con un promedio de US\$ 3.786 la tonelada en la semana cerrada el 24 de febrero, 7% por encima de los US\$ 3.533 de la semana previa y es el mayor registrado en dos meses.

En lo que va del año, el promedio se ubica en US\$ 3.459, es decir 2,8% arriba de los US\$ 3.365 de igual período de un año atrás y con un volumen exportado superior. Hasta el 24 de febrero se totalizó 75.530 toneladas, o sea el 21,1% arriba de las 62.390 toneladas de igual período del año pasado.

El precio semanal de carne ovina también dio un salto y promedió los US\$ 5.002 por tonelada, 32% por encima de los US\$ 3.795 de la semana anterior.

El destaque lo tiene el precio promedio en lo que va del año, de US\$ 4.669 por tonelada, 13,2% por encima de los US\$ 4.124 de igual período del 2017. El volumen exportado en lo que va del año acumula una caída de 4,6%, con 2.491 toneladas versus 2.611 de mismo lapso de 2017.

Más allá de la firmeza de los precios a los que Uruguay está colocando la carne en lo que va del año, la sucesión de faenas altas y de condiciones que presionan a la oferta lleva a considerar la estabilización con precaución. Si la ausencia de lluvias persiste, los actuales precios pueden ser difíciles de sostener.

El sector cárnico generó 16% más divisas en el comienzo del año

19/02/2018 - Alcanzó US\$ 226,1 millones. La facturación del sector cárnico uruguayo subió 16,1% hasta el pasado 10 de febrero frente a igual período del año anterior y alcanzó US\$ 226.119.000, según los datos estadísticos del Instituto Nacional de Carnes (INAC).

La tonelada de carne bovina exportada por Uruguay tuvo una baja de 0,02% y quedó en US\$ 3.412 frente a US\$ 3.413 que había logrado al 10 de febrero de 2017.

A su vez, la tonelada de carne ovina uruguaya subió 16,6% en las mismas fechas de la comparación anterior. Este producto cotizó a promedio de US\$ 4.745.

En lo que va del año están faltando las compras de China, debido a las festividades del Año Nuevo Lunar que paralizan ese país.

En su lugar, el mercado que acaparó más volumen de carne bovina uruguaya fue Canadá con 5.880 toneladas por US\$ 15.327.000, seguida de Estados Unidos con 5.282 toneladas por US\$ 17.566.000.

Brasil se convirtió en el tercer mercado en importancia pues compró 1.158 toneladas por US\$ 15.607.000 y le sigue Chile con 840 toneladas por US\$ 3.149.000.

Mientras tanto, en carne ovina Brasil sigue tirando de la locomotora. Este destino compró 950 toneladas peso canal por un total de US\$ 5.503.000. En pocas semanas los importadores chinos volverán a hacerse notar en el mercado, tanto en menudencias, como en cortes de carne bovina y ovina, como sucede todos los años.

Gremiales dicen que las medidas del Ejecutivo no contemplan “la grave situación del agro”

19/02/2018 - Los productores afirmaron que las medidas son “insuficientes y parciales”.

Las gremiales agropecuarias decidieron continuar reunidos para evaluar los temas tratados en el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca y expresaron una vez más que las medidas anunciadas por el gobierno son “insuficientes y demasiado parciales”.

Según lo expresado, el Poder Ejecutivo no está contemplado “la grave situación del agro” y se espera a que finalice una reunión en el Prado, donde se anunciarían próximas medidas a tomar.

El gobierno anunció que se estudia la declaratoria de emergencia agropecuaria en los departamentos en los que se autorizó el pastoreo de ganado en las rutas.

También que se reinstalará la bonificación del 18% en la contribución inmobiliaria rural a los productores de 1.000 o menos hectáreas que no paguen IRAE y se rebajará un 10% la contribución inmobiliaria.

En los próximos días se brindará a la población una respuesta de la proclama del 23 de enero. Para esto se prevé que Vázquez haga uso de la cadena de televisión.

Media res y carne con hueso suben \$ 5 el kilo; no aumenta el asado ni pulpas al vacío

20/02/2018 - El aumento en el precio se trasladará al público “en la medida que afecte a los carniceros”, dijo a El País Hebert Falero, presidente de la Unión de Vendedores de Carne (UVC).

La media res y los cortes con hueso, sin ser el asado y las pulpas al vacío en cajas, subieron cinco pesos el kilo. Esto equivaldría a un cuatro por ciento aproximadamente, informó a El País Hebert Falero, presidente de la Unión de Vendedores de Carne (UVC).



La medida fue anunciada entre los frigoríficos el viernes y mañana la gran mayoría ya tendrán aplicado el aumento que se verá reflejado en las carnicerías en el correr de la semana.

La suba en el costo al precio de la carne se trasladará al público “en la medida que afecte a los carniceros”, explicó Falero y añadió que el porcentaje depende del tipo de carne que maneja cada comercio.

El aumento se genera luego de que se subieran los sueldos a los cortadores de las carnicerías y al incremento en los servicios que comenzaron a regir a principio de año.

“Como hacía tiempo que la carne no se movía todas las subas de los costos no se habían trasladado y es posible que en esta suba se ajusten los márgenes de ganancia”, indicó el presidente de la UVC.

Devuelven certificación a frigorífico para exportar a la UE

27/02/2018 - MGAP aceptó garantías y le permite faenar con ese destino.

La División Industria Animal del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca envió ayer una nota a las autoridades de la Unión Europea con el levantamiento de la suspensión de la certificación a un frigorífico uruguayo que había tenido problema en varios puertos europeos con sus embarques. Así lo confirmó a El País el Dr. Gustavo Rossi, director de la repartición oficial. De este modo, la empresa ya puede volver al mercado con su carne ovina y bovina.

Generalmente las autoridades sanitarias de la Unión Europea aceptan la producción a partir de la fecha de re certificación que comunica el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, que es el responsable de supervisar, controlar y dar las garantías sanitarias de los alimentos de origen animal y vegetal que Uruguay exporta (también los volcados al mercado interno). El levantamiento de la suspensión temporal de las certificaciones al viejo continente se produce luego de que la empresa presentó a las autoridades su plan para levantar las restricciones, brindando las máximas garantías.

La planta venía teniendo problemas con sus embarques de carne a la Unión Europea desde octubre de 2017, a los que se sumaron más contenedores en enero y febrero. Incluso en octubre del año pasado, las autoridades sanitarias uruguayas ya habían enviado una carta a la Red de Alerta Rápida de Piensos y Alimentos de la Unión Europea marcando preocupación por los hallazgos de patógenos sobre varios embarques puntuales de carne uruguayana, que sólo pertenecían a un frigorífico.

Uruguay hace muestreos de patógenos sobre todos los embarques de carne y esos análisis involucran a la E. Coli o157h7, así como a otras seis bacterias, que se les conoce como las seis grandes (son: o26, o45, o103, o111, o121 y o145).

Una vez que se detecta un agente patógeno en un embarque, debido al sistema que aplica la Unión Europea, todos los envíos del frigorífico afectado son revisados — lo que se conoce como controles reforzados— y eso es lo que provoca que sigan apareciendo problemas. En los embarques cuestionados, hasta ahora, la Red de Alerta Rápida de Piensos y Alimentos de la UE, detectó la toxina, pero una vez que la detecta, no sigue adelante con la tipificación de la cepa que los afecta.

La Unión Europea es un mercado clave para los frigoríficos uruguayos, porque acapara los cortes más valiosos de la res, tanto en carne vacuna como en ovina, pero además, por lo que representa estar presente en ese mercado por sus exigencias sanitarias. Hasta el pasado 17 de febrero, según los datos estadísticos del Instituto Nacional de Carnes, Uruguay lleva exportadas 5.492 toneladas de carne bovina peso canal por US\$ 40.375.000 y 213 toneladas peso canal de carne ovina por US\$ 974.000.

Lo que se conoce como shiga toxinas (producidas por una cepa de E.Coli) tienen en vela a la Unión Europea y otros países. En el viejo continente, a partir de la contaminación de brotes de alfalfa, se produjeron varias muertes en 2008.

PARAGUAY

Precio local de ganado sigue como el más alto de la región

2 de Marzo de 2018 A pesar de la caída de US\$ 3,50 a US\$ 3,20 por kilogramo al gancho, el precio del ganado paraguayo sigue siendo el mayor de la región, señaló ayer el titular de la Cámara Paraguaya de Carnes, Juan Carlos Pettengill, en relación con la queja de la Asociación Rural por la caída de dicha cotización.

El precio del ganado de exportación en Paraguay sigue, pese a lo ocurrido en los últimos días (suspensión chilena para varios frigoríficos y disminución de la cotización local), como el más alto de la región, con US\$ 3,20 por kilogramo al gancho, contra US\$ 3,16 en Uruguay, US\$ 3,13 en Argentina y US\$ 2,85 en Brasil, informó ayer Pettengill.

Al respecto, en la Asociación Rural del Paraguay (ARP) se habían quejado el día anterior porque, al final, la inhabilitación de cinco plantas frigoríficas para exportar a Chile generó la disminución del precio del ganado de exportación.

El titular de la Rural, Luis Villasanti, había considerado como injusto, innecesario y de poco sustento la abrupta caída de precios del ganado de exportación. “Los productores están siendo afectados por una



situación de la que no son parte”, había declarado Villasanti. En contrapartida, el presidente del gremio de los frigoríficos argumentó al respecto que Paraguay debe competir con Brasil, Uruguay y Argentina en calidad y precio para el posicionamiento en los mercados.

Iniciaron adecuación

Pettengill anunció también que los frigoríficos ya iniciaron el plan de solución para las deficiencias encontradas por los chilenos, mientras que el ministro de Agricultura y Ganadería (MAG), Marcos Medina, sostuvo que la cadena de la carne en el Paraguay es una de las más abiertas, y a pesar de la limitación para el mercado de Chile, el precio del ganado sigue en parámetros normales. “Tenemos que entender que antes nos perdonaban ciertos aspectos, pero ahora somos el mayor proveedor del mercado chileno, una suerte de puntero del campeonato, y nos exigen más”, alegó Medina.

Promocionan la carne paraguaya en Medio Oriente

20/02/2018 - El país espera exportar carne vacuna a Arabia Saudita en menos de 90 días.

La Cámara Paraguaya de Carnes (CPC) está participando, por tercera vez consecutiva, de la feria Gulfood que aglomera a casi 100 mil visitantes cada año. El evento se realiza en Dubái desde el 18 hasta el 22 de febrero.

El titular del gremio, Juan Carlos Pettengill, sostuvo que la participación de Paraguay en este evento es de suma importancia, ya que hace unos días culminó la auditoría de Arabia Saudita. “Fue todo un éxito la auditoría, los auditores manifestaron su conformidad con el proceso que se hace en nuestras industrias para garantizar la sanidad e inocuidad de la carne, por eso en Gulfood esperamos empezar a negociar con los importadores”, comentó.

Pettengill estimó que dentro de 60 a 90 días ya se podría estar exportando a Arabia Saudita. Por otra parte, afirmó que la CPC realizó una inversión de 200 mil dólares en la feria. “Este evento requiere una inversión importante en dinero y logística, pero la CPC está comprometida a desarrollar el mercado del Medio Oriente, ya que lo vemos como el mercado del futuro”, explicó.

Los frigoríficos asociados que marcan presencia en la feria son Frigochaco, Concepción, Chortitzer, Guaraní, Neuland, Norte y Pechugón, este último del sector avícola. Gulfood cuenta con 5 mil expositores y 8 sectores de comidas.

Carne paraguaya, en Dubái

21 de Febrero de 2018 La Cámara Paraguaya de Carnes (CPC) está participando desde el domingo pasado en Dubái, en la feria Gulfood, que atrae anualmente a unos 100.000 visitantes, según reportó desde dicho emirato árabe el titular del gremio, Juan Carlos Pettengill.

El mismo destacó que la participación de Paraguay en dicho evento, que culmina mañana, es de suma importancia, ya que hace solo unos días culminó la auditoría sanitaria de Arabia Saudita a nuestro sistema de producción de carne.

“Fue todo un éxito la auditoría, los inspectores manifestaron su conformidad con el proceso que se hace en nuestras industrias para garantizar la sanidad e inocuidad de la carne, por eso en Gulfood esperamos empezar a negociar con los importadores”, comentó.

Pettengill estimó que dentro de dos o tres meses ya se podría estar exportando a Arabia Saudita. Por otra parte, afirmó que el gremio realizó una inversión de US\$ 200.000 en la feria. “La feria lleva una inversión importante en dinero y logística, la CPC está comprometida a desarrollar el mercado del Medio Oriente, que es el mercado del futuro”, acotó.

Marquisá: “Paraguay será un actor fundamental en el mercado de la carne”

21/02/2018 - También restan algunas dificultades para sortear, como aumentar el hato ganadero y mejorar la logística.

En los últimos años Paraguay ha demostrando un fuerte interés de posicionarse en los primeros escalafones como exportador de carne vacuna, sumando nuevos mercados y apostando a un producto de mayor calidad. “Tenemos una gran expectativa que el país tome la oportunidad que genera un producto de buena calidad en un mercado mundial demandante”, comentó a Rurales El País César Marquisá, ejecutivo de Minerva Foods.

Explicó que el país viene realizando “constantes gestiones para habilitar nuevos mercados” y, en este proceso de mejoras y avances, “no tenemos ninguna duda que Paraguay se va a posicionar como un actor fundamental en el mercado internacional de la carne”.

Pese a esto, existen algunas dificultades que no permiten avizorar un futuro muy claro, que tienen que ver con el stock ganadero y alteraciones logísticas que impiden el movimiento del ganado con fluidez. “El hato ganadero es un desafío y Minerva se está involucrando para mejorar la eficiencia productiva para generar un mayor volumen de animales. Hoy la capacidad de faena de la industria sobre la oferta de vacunos está sobredimensionada”, aseguró Marquisá.



En cuanto a la logística, el Ejecutivo de Minerva Foods dijo que en periodos de lluvias los caminos no quedan transitables y eso impide la carga de los animales, lo que genera aumentos excesivos de los precios de las haciendas. Las fuertes precipitaciones de las últimas semanas, sumado el periodo de vacunación contra la aftosa, han llevado que el ganado gordo con destino a Europa cotice US\$ 3,60 el kilo de carne en cuarta balanza. Marquisá dijo que son referencias de “coyuntura” y espera que los valores bajen en el corto plazo, dado que “no se sustentan en el tiempo”.

CHILE suspendió envíos de carne de al menos 5 frigoríficos paraguayos

25 de Febrero de 2018| informe habla de revés en última inspección técnica de diciembre de 2017

El Servicio Agrícola y Ganadero de Chile (SAG) inhabilitó a al menos cinco frigoríficos paraguayos como proveedores de carne bovina a su mercado, y el número podría crecer, admitieron ayer diversas fuentes empresariales consultadas. Ahora, solo quedan dos frigoríficos que pueden exportar a Chile, que es el principal comprador de nuestra carne.

Al respecto, una lista de resultados de las inspecciones realizadas el año pasado a diez frigoríficos por el Servicio Agrícola y Ganadero chileno surgió ayer de mañana de forma extraoficial, y pese a los esfuerzos hechos para tratar de confirmar la información con autoridades del sector, principalmente Senacsa, las mismas no se hicieron encontrar después del mediodía.

Sin embargo, versiones dadas por varias fuentes empresariales consultadas por nuestro diario apuntan a la existencia de un informe de ese tipo proveniente de Chile, y aunque unas dijeron no conocer aún el contenido, otras señalaron que dichas inhabilitaciones existen.

Finalmente, fue el vicepresidente de la Cámara Paraguaya de Carnes, Korn Pauls, quien confirmó la veracidad de la información emanada al respecto.

El informe habla de la inhabilitación para exportar a Chile de las plantas frigoríficas Frigomerc SA, Mussa (Frigorífico Mercantil Única de Servicios SA), Ipfsa (Industria Frigorífica Paraguaya SA), Guaraní (planta N° 17) y Nav&Com. Esto tras inspecciones hechas entre el 4 y 20 de diciembre de 2017, según el documento surgido ayer, que se supone debe estar ya en poder del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa).

Por otra parte, quedan en calidad de “pendientes” las plantas de Frigo Chorti, Frigorífico Concepción y Frigo Chaco (Cooperativa Colonizadora Multiactiva Fernheim Ltda). Los que continúan habilitados son los frigoríficos de Neuland y Guaraní (planta N° 321).

Pauls explicó que en el caso de los establecimientos que están calificados como “pendientes” en realidad tienen posibilidades de seguir exportando al mercado trasandino, que es actualmente el principal comprador de la carne paraguaya.

Al respecto, el documento surgido ayer dice que se debe esperar que el SAG remita “un informe técnico con el levantamiento de las observaciones detectadas (...), el detalle de las acciones correctivas de los establecimientos y el respaldo de las verificaciones oficiales realizadas por vuestro servicio (por Senacsa); y este será evaluado favorablemente por el SAG”. Se menciona también un plazo, pero no se llega a leerse el detalle.

Sobre el mismo tema, pedimos un análisis de la situación al titular de la Cámara Paraguaya de Carnes, Juan Carlos Pettengill, quien estaba regresando de una feria internacional de alimentos en Medio Oriente y se excusó de ahondar en el tema, vía telefónica desde Brasil, explicando que por el viaje aún no tenía el informe de la auditoría de Chile.

Mercados y envíos

La carne bovina paraguaya tiene como principal destino a Chile, con 96.444 toneladas enviadas durante el 2017. En segundo lugar, Rusia, 65.594; siguen, Brasil, 20.866; Vietnam, 11.803; Israel, 11.384; Irán, 8.552; Taiwán, 6.919; Egipto, 5.519 y Kuwait, 4.368 toneladas, según el informe divulgado ayer por el Senacsa.

Frigoríficos estarían listos en 30 días para nuevo control chileno

28 de Febrero de 2018 La meta del sistema de producción de carne de nuestro país es que los cinco frigoríficos inhabilitados para exportar al mercado de Chile estén listos en 30 días para recibir un nuevo control del ente sanitario de dicho país, mientras cinco siguen enviando, informó ayer el titular del MAG, Marcos Medina.

“Directivos de la Asociación Rural del Paraguay (ARP) y de la Cámara Paraguaya de Carne, con autoridades del Senacsa y del MAG, nos hemos puesto la meta de que en 30 días se dará solución a las debilidades detectadas por el Servicio Agrícola Ganadero de Chile en nuestro sistema industrial”, señaló ayer en una entrevista el ministro de Agricultura y Ganadería, Dr. Marcos Medina.

“Hubo una reunión en la Rural para evaluar la situación y coordinar las acciones inmediatas. La lectura que hacemos es que las deficiencias y debilidades detectadas no comprometen la inocuidad ni la calidad de los productos”, expresó.



Detalló que lo detectado por la SAG de Chile constituye debilidades operativas y de infraestructuras, que no requieren grandes inversiones para su solución.

“Nuestro sistema de producción de carne tiene la gran fortaleza de saber sacar provecho de las crisis, y así como superamos la grave situación del 2011, hoy de esta situación de menor importancia sabremos sacar provecho para crecer aún más”, manifestó Medina.

Cinco frigoríficos seguirán exportando a Chile

Por otra parte, la Cámara Paraguaya de Carnes, presidida por Juan Carlos Pettengil, informó ayer que cinco industrias paraguayas seguirán atendiendo el mercado chileno de carne mientras los frigoríficos que presentaron “no conformidades” pondrán en marcha un plan de acción para levantar las mismas, bajo estricta supervisión del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa). El gremio de la industria de la carne confirmó que recibió la comunicación oficial del Senacsa acerca del informe final de la visita para habilitación de establecimientos frigoríficos presentado por el SAG de Chile, en el cual se indican la no habilitación de algunas plantas. Agrega que la industria frigorífica paraguaya venía atendiendo con normalidad dicho mercado, exportando durante el 2017 más de 95.000 toneladas por un total de US\$ 440.000.000.

Las observaciones y “no conformidades” hechas por el SAG de Chile son principalmente de orden operacional y remarcado de algunas limitaciones de infraestructura. “Los frigoríficos que registran estas no conformidades implementarán un plan de acción bajo supervisión del Senacsa, con miras a la rehabilitación en la brevedad posible”, señala el informe del gremio.

Deficiencia de frigoríficos afecta a ganaderos en el precio, señala ARP

01 de Marzo de 2018| consecuencia directa de la inhabilitación de cinco plantas para exportar a Chile

“El ganadero paraguayo es afectado por una situación de la que no es parte, con la injusta e innecesaria disminución de precios para todas las categorías de exportación”, que se dio tras la inhabilitación de cinco plantas para Chile, señaló ayer el titular de la ARP, Luis Villasanti.

Una vez más los productores están siendo afectados por una situación de la que no son parte, como resultado de los problemas ocurridos en algunas plantas frigoríficas inhabilitadas para Chile, pues dicho sector de la cadena de la carne ha disminuido en forma importante los precios para las diferentes categorías de ganado de exportación y sus mercados internacionales, según informó ayer el presidente de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), Dr. Luis Villasanti.

“Consideramos injusto, innecesario y con poco sustento esta abrupta caída de precios”, señaló el titular del gremio rural.

Puso como ejemplo la disminución en el precio del novillo a Europa y Rusia que, según afirma, “nada tiene que ver con la comercialización con Chile”.

Comentó que el mercado chileno mantiene en suspenso la habilitación adoptada para cinco plantas frigoríficas que operan en nuestro país, manteniéndose en servicio otras cinco industrias.

“Como gremio que administramos el esfuerzo de los productores paraguayos, consideramos injusto que seamos nosotros quienes tengamos que pagar las consecuencias de una situación de la que no somos parte”, remarcó el Dr. Villasanti.

Soluciones en un mes

Es importante recordar, que el ministro de Agricultura y Ganadería, Dr. Marcos Medina, explicó días atrás que la meta del sector de la carne es que en 30 días se dé solución a las debilidades detectadas por el Servicio Agrícola Ganadero de Chile en la industria frigorífica local. Agregó que las deficiencias y debilidades detectadas por el SAG de Chile no comprometen la inocuidad ni la calidad de los productos exportados.

Enfatizó que las penalizaciones hechas por Chile constituyen debilidades operativas y de infraestructuras, que no requieren grandes inversiones para su solución.

Por otra parte, la Cámara Paraguaya de Carnes, presidida por Juan Carlos Pettengill, comunicó que de entre diez plantas frigoríficas, cinco seguirán atendiendo el mercado chileno de carne mientras los frigoríficos que presentaron “no conformidades” pondrán en marcha un plan de acción para levantar las mismas, bajo estricta supervisión del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa). El gremio de la industria de la carne recibió el pasado martes la comunicación oficial del Senacsa acerca del informe final de la visita para habilitación de frigoríficos presentado por el SAG de Chile, en el cual se indican la no habilitación de algunas plantas.

La industria frigorífica paraguaya venía atendiendo con normalidad dicho mercado, exportando durante el 2017 más de 95.000 toneladas por US\$ 440.000.000.



La faena de bovinos creció en 27%

24 de Febrero de 2018 Paraguay, ranqueado como sexto exportador de carne bovina a nivel mundial, en los últimos tres años aumentó la faena en un 27%, como fruto del crecimiento de la demanda, sobre todo de Chile y nuevos mercados como Egipto e Irán, según los datos señalados por la Dra. Milagros Medina, del Departamento de Carne de la firma auditora Control Unión Paraguay.

“Las estadísticas resaltan un crecimiento interesante. En el 2017 la faena de bovinos fue de 1.900.000 cabezas, 27% más que en el 2015 cuando se faenaron 1.500.000 cabezas de ganado vacuno”, señaló Medina.

El repunte se dio en estos últimos años por el ingreso de nuevos mercados que adquirieron carne paraguaya, como Egipto e Irán. Así también, el aumento de la demanda de la proteína roja por parte de Chile hizo afianzar volúmenes de los envíos desde el 2015, comentó.

Agregó que en el 2016, las cifras de faena ya iban creciendo de forma sostenida a más de 1.650.000 por año. En el 2017, Chile se alzó como el principal receptor de la carne paraguaya, tanto en valor, con un 36,8% sobre las exportaciones de carne, como en volumen, con un 32%.

En consecuencia, el hato ganadero en Paraguay es de 12.850.000 al cierre del 2017, cuya cifra ha descendido, indicó.

Fondo de UE para ganadería

01 de Marzo de 2018 La Unión Europea (UE) otorgó 8 millones de euros al Ministerio de Agricultura y Ganadería (MAG) para el fortalecimiento de la ganadería sustentable en Paraguay, anunció ayer el ministro Marcos Medina tras reunirse en estos días con el embajador de dicho bloque en el país, Paolo Berizzi.

“Hay cuestiones de mucha importancia para los siguientes años, en particular para el MAG y para el sector agropecuario (de parte de la Unión Europea). Una de ellas tiene que ver con el proyecto de ganadería sustentable, que recibirá los 8 millones de euros en un programa a ser ejecutado e implementado en un lapso de cinco años”, expresó Medina.

El secretario de Estado explicó que el objetivo es mejorar la competitividad del sector agropecuario, con énfasis en las pequeñas y medianas empresas pecuarias, entendiendo de que la sustentabilidad es un eje transversal a todas las acciones del sector pecuario.

Detalló asimismo que del referido monto, dos millones de euros son para fortalecer el Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), otros dos millones de euros serán destinados al Viceministerio de Ganadería, y el resto, cuatro millones de euros, serán destinados para el fortalecimiento de medianos y pequeños productores de las cadenas pecuarias no tradicionales, principalmente animales menores como ovinos, caprinos, sericultura, entre otros, siempre con el enfoque de sustentabilidad.

ACUERDO UNIÓN EUROPEA - MERCOSUR

Mercosur y UE Ronda de negociación en Asunción 21/02 al 02/03

21 de Febrero de 2018 El Mercosur y la Unión Europea (UE) inician esta mañana en la sede del Comité Olímpico una nueva ronda de dos semanas de negociaciones para un acuerdo de libre comercio. Representantes de ambos bloques están optimistas y confían en que podría haber acuerdo.

A partir de las 9:30, negociadores del Mercosur y de la Unión Europea iniciarán una nueva ronda de reuniones para tratar de cerrar un acuerdo de libre comercio. El encuentro, que será a puertas cerradas, se desarrollará en la sede del Comité Olímpico Paraguayo y se extenderá por dos semanas.

Las conversaciones entre ambos bloques están avanzadas y se espera que al término del encuentro en Asunción se pueda finalmente anunciar la firma del acuerdo.

El ministro de Relaciones Exteriores, Eladio Loizaga, se mostró optimista y espera que sea posible firmar el acuerdo ahora que el Paraguay tiene la presidencia pro t mpore del bloque regional.

Las negociaciones entre ambos bloques se desarrollan en once comités negociadores que analizan diferentes aspectos del comercio. Más de veinte mil especificaciones y nomenclaturas fueron analizadas en este proceso. Sobre gran parte de ellas existe un principio de acuerdo, pero todavía faltan cuestiones delicadas antes de cerrar un documento final.

Algunos de los temas más delicados son los referidos al sector agrícola, un área sensible para ambas partes, lo relativo a la exportación de carne a Europa y la apertura del sector de automotores a las empresas del viejo continente. Otro tema altamente sensible es lo relativo a compras públicas, un espacio que interesa a Europa para que su sector empresarial pueda expandirse.

En el marco de las negociaciones, ya existen acuerdos generales, como que el proceso de desgravación hasta llegar a un arancel cero para el ingreso a los mercados, se extienda a un máximo de quince años. También está acordado que exista un criterio de respeto a las economías de menor desarrollo.



A pesar de la complejidad de las negociaciones, los ministros de ambos bloques regionales no descartan que estas reuniones de negociación sean las últimas. Las dos partes manifestaron que, en este momento, existe voluntad política para llegar a un acuerdo, aun cuando no sea perfecto para ambas partes. “Confiamos en poder llegar a un acuerdo equilibrado”, señaló Loizaga.

UE: Copa-Cogeca en alerta por el acuerdo con Mercosul

Fonte: GlobalMeatNews.com, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 21/02/18 - O grupo agrícola da União Europeia (UE), Copa-Cogeca, escreveu para o presidente da Comissão da UE, Jean-Claude Juncker, pedindo que a agricultura não seja vendida em negociações comerciais com o Mercosul.

Os organismos agrícolas opõem-se à mudança da UE para dar novas concessões à agricultura em troca de ganhos em outros setores econômicos para o bloco comercial latino-americano Mercosul.

O presidente da Copa, Joachim Rukwied, disse: “A UE já deu muito na questão da agricultura aos países do Mercosul nas negociações comerciais, sem obter muito em troca. É inaceitável que a UE esteja aumentando a oferta de agricultura nas negociações. As concessões comerciais devem ser minimizadas para nossos setores mais sensíveis, como, importações de carne bovina, açúcar, aves, etanol, arroz e suco de laranja da UE.”

O presidente da Cogeca, Thomas Magnusson, acrescentou: “Nós já importamos quantidades substanciais de produtos agrícolas desses países e não recebemos reciprocidade deles. Precisamos de acordos comerciais equilibrados que respeitem nossos métodos de produção. Tendo em conta as incertezas nas negociações do Brexit, bem como as discussões sobre a futura Política Agrícola Comum (PAC) e o orçamento da UE, pedimos que a UE não faça concessões sobre a agricultura nas negociações. Qualquer tentativa adicional de vender a agricultura nas negociações comerciais compromete o crescimento e os empregos nas zonas rurais, contrariando a estratégia da UE de revitalizar os empregos rurais na Europa.”

No mês passado, a Copa-Cogeca anunciou sua oposição ao movimento da UE para elevar sua oferta de carne bovina significativamente para 99 mil toneladas nas negociações comerciais com o Mercosul, advertindo que isso era “inaceitável”.

O presidente do grupo de trabalho da Copa-Cogeca, Jean-Pierre Fleury, disse: “Mais de 75% das nossas importações de carne bovina – 246 mil toneladas – já vêm desses países e é inaceitável que a UE tenha aumentado sua oferta em troca de concessões em outros setores.”

“Precisamos de acordos de comércio justos e equilibrados que também garantam que nosso mercado não seja superabastecido; caso contrário, o crescimento e os empregos em nossas áreas rurais serão ameaçados. Agora não é hora de propor isso, quando não sabemos o impacto das conversações sobre a saída do Reino Unido da UE. Com 52% de carne bovina irlandesa destinada ao mercado do Reino Unido, não podemos pressionar ainda mais o mercado de carne da UE em um acordo comercial com os países latino-americanos.”

Macron y las “líneas rojas” en el TLC UE-Mercosur

26 February 2018 FRANCE - The 55th Paris International Agricultural Show opened in Paris Saturday amidst French farmers expressing fears that free trade negotiations between the European Union (EU) and a South American bloc would affect them adversely.

President Emmanuel Macron held a closed-door breakfast meeting Saturday with the unions and main institutional actors of the show, that this year is themed "Agriculture as a collective adventure".

"We have a lot to do," President Macron said.

French cattle farmers are worried that negotiations between the EU and Mercosur countries, namely Argentina, Brazil, Paraguay and Uruguay, could lead to the import of nearly 70,000 tonnes of meat from South America at a cheaper price.

"We will ask Macron to refuse the Mercosur agreement that will be totally harmful to French agriculture," Jerome Despey, general secretary of FNSEA, the most influential general farm organization in France, said.

The show will continue till 4 March.

23/02/2018 - Acuerdo sería “bueno para la economía” gala, dijo el presidente.

El presidente francés, Emmanuel Macron, afirmó ayer que el acuerdo de libre comercio entre la Unión Europea (UE) y el Mercosur sería bueno para la economía de su país, pero reiteró que va a mantener las “líneas rojas” en la negociación, sobre todo para proteger al sector agroalimentario.

En un discurso ante cientos de agricultores en el Palacio del Elíseo, aseguró que esas condiciones que pone Francia “no se han movido” y “se han respetado”, al punto que fueron las que motivaron que no se cerrara un compromiso en diciembre.



En cualquier caso, dijo que Francia no se opone a un acuerdo con el Mercosur y que éste sería “bueno para numerosos sectores agrícolas” y “bueno para la economía francesa”. Entre otras cosas, porque la agricultura gala “no tiene futuro sin una apertura razonada”, anotó.

Macron mantuvo esa posición en una entrevista en enero en París ante Mauricio Macri, el presidente de Argentina.

El mandatario francés dijo que si se cerrara un compromiso no entraría en vigor hasta 2024, cuando finalice el próximo mandato de la Comisión Europea. Además, recordó sus “líneas rojas”, como que la entrada de productos sudamericanos sin aranceles no podrá suponer “ninguna reducción” de los “estándares de calidad medioambientales, sociales ni sanitarios” franceses, lo que significa que el Mercosur tendrá que respetarlos para exportar a la UE. A ese respecto, insistió en que “no habrá nunca carne con hormonas en Francia”, e hizo notar que si hoy se detecta no es por culpa de Mercosur sino porque hay fraudes.

Macron indicó que otra de las condiciones es que cualquier compromiso tiene que ir acompañado de “una cláusula de salvaguarda” que permita suspender las importaciones del Mercosur si se produce una desestabilización de los precios en determinado mercado.

El presidente afirmó que los problemas que tiene el vacuno francés son antiguos, y por tanto no son responsabilidad de Mercosur, sino, entre otras cosas, consecuencia de la falta de estructuración del sector.

Por otra parte, el ministro de Hacienda de Argentina, Nicolás Dujovne, se mostró ayer optimista ante un próximo acuerdo entre el bloque regional y la UE porque ambas partes “están negociando en serio” y “no hay otro camino que la integración”.

“Creo que por primera vez en 22 años estamos negociando en serio para cerrar el acuerdo”, afirmó en un evento en Madrid.

Representantes del Mercosur y de la UE empezaron el miércoles en Asunción una nueva ronda de negociaciones.

Foro Mercosur de la Carne solicitó a la UE 160.000 toneladas de carne vacuna

23/02/2018 - Aspiran a que el contingente tenga un incremento anual acumulativo del volumen físico del 10%.

El Foro Mercosur de la Carne (FMC) estableció, en una reunión extraordinaria que realizó en Paraguay en el marco de las negociaciones del Mercosur y la Unión Europea, seis puntos que consideran necesarios para avanzar en el acuerdo comercial que se discutirá hasta la próxima semana.

Solicitan una cuota con un volumen base de 160.000 toneladas de carne bovina peso producto, definido en carne enfriada y congelada. Además, entienden importante que el cupo no tenga arancel cero intracuota y esté administrado por el Mercosur. También aspiran a un contingente que tenga un incremento anual acumulativo del volumen físico del 10%.

Las negociaciones entre ambos bloques iniciaron esta semana y se mantendrán activa hasta el sábado 3 de marzo. Previo al comienzo del mismo, las expectativas de las partes eran de mucho optimismo para poder cerrar el acuerdo comercial en esta cumbre.

25 de Febrero de 2018 El Foro Mercosur de la Carne (FMC), integrado por representantes de los gremios ganaderos e industriales de Argentina, Brasil, Uruguay y Paraguay, se reunió el pasado viernes en la Asociación Rural del Paraguay (ARP) en forma extraordinaria para consensuar las condiciones para la negociación con relación a la carne bovina en el marco del posible Tratado de Libre Comercio Unión Europea-Mercosur, que por estos días se negocia en nuestro país, ya en su tramo final.

Piden, entre otras cosas, administrar un cupo de exportación de carne por parte del Mercosur a la Unión Europea de 160.000 toneladas por año. La organización presidida por el representante de Uruguay, Daniel Belerati, pidió además que el producto sea definido como “carne bovina enfriada o congelada in natura, con posiciones arancelarias 0201 y 0202, respectivamente”, y que el nivel arancelario intracuota sea del 0% y la implementación, en forma integral, desde el primer año de ejecución del acuerdo

Otro aspecto que solicitaron los productores e industriales del sector cárnico es un incremento anual acumulativo del volumen físico de las exportaciones del 10%. Belerati señaló que las condiciones son propuestas de esta forma porque la carne bovina es considerada como producto sensible.

Negociaciones para acuerdo Mercosur-UE finalizarían en dos o tres semanas: Paraguay

2 de marzo de 2018 ASUNCIÓN, 2 mar (Reuters) - Las negociaciones para alcanzar un acuerdo de comercio largamente esperado entre el bloque sudamericano Mercosur y la Unión Europea (UE) podrían concluir “en dos o tres semanas”, dijo el viernes el canciller de Paraguay, Eladio Loizaga.

En la última jornada de discusiones entre representantes de ambos bloques en Asunción, el ministro aseguró que las partes siguen buscando un acercamiento en temas sensibles como el agrícola y el automotriz.



“La semana que viene habrá reuniones (...) para procurar concluir esto en unas dos o tres semanas, si es posible”, declaró Loizaga a periodistas en relación al acuerdo, que lleva casi dos décadas de negociaciones con algunas interrupciones entre medias.

Paraguay está ejerciendo este semestre la presidencia del Mercosur -compuesto además por Argentina, Brasil y Uruguay- y Loizaga dijo que las cuatro naciones tienen la voluntad de cerrar un acuerdo definitivo “lo más pronto posible”.

Los negociadores continuarán las reuniones en persona o por teleconferencia. Ministros del bloque sudamericano se reunirán la próxima semana en la capital paraguaya para lanzar negociaciones de libre comercio con Canadá, ocasión en la que tratarán también aspectos del pacto con los europeos, dijo Loizaga.

La apertura europea a la carne vacuna proveniente del Mercosur ha sido una preocupación para países agrícolas europeos como Irlanda y Francia. Las últimas discusiones han girado también en torno al mercado de automóviles y productos lácteos.

“Hay muchos ojos sobre este proceso negociador, especialmente teniendo en cuenta esta corriente nueva que está surgiendo sobre proteccionismo. El Mercosur y la UE están buscando abrir sus mercados en un marco de reciprocidad”, declaró el canciller. Las negociaciones en Asunción se iniciaron el 21 de febrero.

Loizaga manifestó que un asunto muy discutido es el de las normas técnicas: “las normas de origen, y quedan algunos temas pendientes como las indicaciones geográficas que ambos bloques tienen”.

El ministro reiteró que “hay voluntad política para cerrar esto (hacer el acuerdo) en dos o tres semanas más. Faltan algunos ajustes para coincidir en las posiciones.”

Aludió específicamente al tema automotor, a indicaciones geográficas y a algunos temas agrícolas después de que las diferencias sobre la carne hayan sido “cerradas” (subsanaadas), “aunque falta aclarar un poco la segmentación sobre carne fría y carne congelada”.

Loizaga insistió en que existe voluntad para la firma del convenio de libre comercio, tanto entre los países del Mercosur como en los de la Unión Europea. Las conversaciones seguirán a través de comunicaciones directas entre los cancilleres y videoconferencias

BREXIT

REINO UNIDO y UE crean “task force” para el sector vacuno

01 March 2018 Jason Strong We speak with Jason Strong, Chair of Australia’s EU and UK Red Meat Market Access Taskforce, about the role of the Taskforce and why 2018 is such a crucial year for positioning the Australian red meat industry for improved access to the European Union (EU) and United Kingdom (UK) markets.

Q. What is the EU and UK Red Meat Market Access Taskforce and what role does it play?

A: The Taskforce is the Australian red meat industry’s steering committee responsible for guiding and driving improvements in beef, sheepmeat and goatmeat market access into both the EU and UK.

The Taskforce has been established by industry through the Red Meat Advisory Council (RMAC) and comprises representatives from each sector across the supply chain – that is producers, processors, exporters and the industry service providers – and draws heavily on the collective commercial expertise.

Our core role is to proactively identify and monitor any issues arising from potential changes to current market access conditions, taking steps to mitigate potential risks and strongly advocating favourable trade reform.

The Taskforce takes a multifaceted approach to assessing the potential implications from changes in the market. This includes using the intelligence we get from strategic alliances and trade contacts as well as leveraging the unique position of MLA’s on-the-ground market access representation.

We then work together to determine actions as well as developing a program of engagement that ensures a common industry view is taken forward to the Australian Government – who are ultimately responsible for prosecuting positions on behalf of the industry through the formal negotiations.

Q: What are the Taskforce’s priorities in 2018?

A: 2018 is shaping up to be a big year because of the potential changes in the way that we access the EU. There are three clear and immediate priorities for our industry and the Taskforce to focus on - favourably positioning Australia for positive outcomes in the EU free trade negotiations, defending the high quality grainfed beef quota, and ensuring industry has a strategy for the UK Brexit process.

Australia and the EU have been working towards a free trade agreement (FTA) for several years, and now there is optimism that these negotiations will officially start in the second half of this year.

The EU is a very limited and controlled market due to its low volume import quotas, which hinders our ability to respond to market demand. This looming FTA dialogue represents a positive step forward in not only helping the EU with its imported red meat requirements, but also in securing improved Australian access to the 500 million strong EU consumer market.



We are also closely monitoring Australia's ongoing access under the grainfed beef quota, which Australia got access to in 2010. This avenue has allowed us to more than double beef exports into Europe in response to consumer's embrace of our products high quality attributes. What's happening now is there are discussions underway around possibly changing the way that eligible countries access the grainfed quota, and we must be ready as an industry to respond to any developments.

One of the challenges is that nothing has officially started yet. We know all of these things are coming, so what the Taskforce is doing right now is ensuring that we and the industry are as well prepared as possible. Our collaborative relationship with the Australian Government is critical so that when any of these activities kick off, we're able to jointly respond in a fast, nimble way as required.

At a high level, there's absolutely no question that as a Taskforce and industry we're ultimately after improved access to the EU and UK markets out of any formal discussions.

Q: What are the aims of the Taskforce in helping to secure a Free Trade Agreement with the EU?

A: The EU is not self-sufficient in red meat production, and the Taskforce is working towards positioning our industry to help meet Europe's import requirements. The European Commission estimates an additional 229,000 tonnes of sheepmeat and 354,000 tonnes of beef will be required per annum to meet projected EU domestic meat consumption over the next decade. With the EU being an importer of high quality food, Australia is well placed to help meet this demand. You might say we are natural trading partners with many shared values.

As the outcome of these negotiations will shape the Australia-EU trade for years to come, we will be working towards securing access arrangements which are beneficial for the Australian red meat supply chain as well as European consumers.

Put simply, there are two components in any formal negotiations for Australia – one is volume and the other is the type of product and how we get it into market. The EU is one of the most onerous of our export markets and as part of any of these discussions, it's important it's not just about volume but how we access that market as well – that is what are the restrictions and constraints around the supply process.

There are challenges around the way quotas are administered - who has access to it from an importer's point of view and an exporter's point of view, but also there are the supply conditions on the cattle side. We have an EU-specific cattle supply program so you end up with a designated supply line which gives security around tracing and tracking those cattle - but it also increases the cost of those cattle as well and reduces the flexibility of the industry to capture value out of that market or to respond to market demand.

When that system was put in place, it was before NLIS was mandatory in Australia for example. The Australian industry now has a much higher quality and more effective mandatory individual animal identification traceability system than most other countries in the world and yet we still have this overriding, onerous EU system on top of that. Australia put NLIS in place but we have to respond now to this opportunity to improve that process as well in accessing the EU market.

There's certainly scope to significantly increase access into the EU, but importantly, also being able to respond to demand for higher quality product. At the moment, an animal identified as being an EU animal and travels through that production system, because you've got all this investment in this EU animal and it costs you more on an overall per kilogram basis, you want to try to sell as much of that product as you possibly can into the EU. While we might be selling high quality tenderloins and cube rolls, and strip loins in the market, we're also trying to sell them knuckles and topside. There are some markets for that in different parts of EU as well, but it would be much better if we were able to build high quality supply lines for restaurant cuts and create a real niche and premium position for us.

Q: With the UK set to leave the EU in March 2019, what are the aims of the Taskforce in the UK market?

A: Brexit has created uncertain times for the UK as they prepare to leave the EU and the current negotiations are extremely politically charged. The Taskforce is constantly monitoring any developments and assessing how Brexit may impact our trade into the future. Our aim - in partnership with the Australian Government – is to ensure our trade is not disadvantaged.

The UK has traditionally been an important market for Australia, however, when the UK joined the Common Market in 1973, our ability to respond to ongoing UK demand was constrained.

A key part of our efforts is ensuring the Brexit process does not erode our existing access into the EU. What is being proposed at the moment in Brexit discussions is a splitting of the current quotas between the EU and the UK on a proportional basis. We certainly don't support that view and our government doesn't support that view because it disadvantages us and doesn't give us the flexibility that we've had previously to service consumers within what is currently a single market.

As the UK establishes its own import regime, we are advocating that all supplying nations be granted more equivalent access – necessitating a regime that does not simply replicate the currently unbalanced EU quota construct.

Put simply, what we need with the UK is guaranteed access subsequent to Brexit and ultimately an FTA with the UK which gives us better access into that market than we've had under previous quota regimes.



Q: What's the biggest challenge to the Australian red meat industry in achieving its desired outcomes in the EU and UK?

A: Similar to other trade reform issues the Australian red meat industry has faced, discussions on red meat market access into the EU and UK will undoubtedly be complex – especially if we are to secure agreements that are comprehensive, liberalising and ambitious.

Specifically, one of the biggest challenges is that we may get treated like some of the other large exporting countries when they think about how much access to give us or on what basis that access is. We're not this massive commodity producer that's trying flood product into a market. We're a specialist exporter that identifies and responds to the most appropriate and best market needs around the world.

We export to 100 different countries of which the EU is our highest per cut value market out of all of those countries. And the reason why that's the case is there's a need in that market that's largely unmet by anyone else that's quick enough to respond to and provide consistently high quality, high value product that consumers are building a taste for. Our position into that market is very very different to South America for example.

I think our position has to be very strongly pushing the fact that we're professional exporters to 100 countries - this isn't just a case of trying to find some opportunistic market to dump some product into. It's a case of us building really high quality supply chains and customer quality relationships which we then collectively build a really strong, long-term, sustainable business around.

Ultimately, given the strong support of the Australian Government coupled with productive and long standing trading relationships our industry has with both parties (EU and UK), we remain optimistic that strong agreements can be achieved.

Preocupan las propuestas de la Primera Ministra May

March 2, 2018, U.S. News & World Report BRUSSELS (Reuters) - European Union officials reacted warily on Friday to British Prime Minister Theresa May's proposals to maintain trade ties after Brexit, welcoming her tone but describing some of her demands as unrealistic.

Leading figures in the European Parliament, which must ratify any deal, were withering in their scorn. The assembly's Brexit point man Guy Verhofstadt called it "a few extra cherries on the Brexit cake", while Manfred Weber, an ally of German Chancellor Angela Merkel, said May had her "head in the sand".

But although May did not dispel the impression of "cherry-picking" EU benefits or of trying to have Britain's cake and eat it, EU officials working on the negotiations behind the scenes welcomed what one called her "positive directional language".

Michel Barnier, the EU executive's negotiator, chose to highlight what May did not ask for. He noted she had recognized that Britain must accept "trade-offs" in terms of reduced access to EU markets as she clarified once more her determination to leave both the EU's customs union and its single market.

That, the former French minister said, would inform the EU's own proposals next week for negotiations to start next month on a free trade agreement. But Barnier made no comment on May's assertions that Britain could achieve "frictionless" trade and secure EU recognition for its own, independent regulations.

Barnier has long made clear, however, that May's rejection of remaining in the customs union or single market would mean administrative hurdles to the movement of goods. The Union is deeply skeptical of suggestions to let Britain regulate itself, free of EU supervision, while retaining anything like its current access to EU markets, notably in many services.

"FANTASY"

One EU official involved in the negotiating process said May's focus on a need to match EU standards and take part as an associate member in some EU regulatory agencies was welcome and believed that her suggestion the EU's court play some role, if only indirectly, in supervising Britain was reasonable.

But a second EU official said: "The comprehensive system of mutual recognition she talks about won't work for us - or for that matter lead to frictionless trade."

May's insistence that Britain would not engage in a "race to the bottom" to undercut standards on labor, environmental and other regulations was welcome, the official added, but there was no sign of how that could be specific and enforceable - or of whether Britain would automatically match changes in EU laws.

Her ideas of a hi-tech solution to avoiding the border checks on the island of Ireland that might disrupt the peace in the north were "sci-fi", said the second official.

And a "customs partnership" in which the EU trusted Britain to collect tariffs for it was "fantasy", he added - the EU is already suing over customs fraud in Britain and long memories of Britain's "mad cow" scandal two decades ago have left Brussels wary of accepting British standards in, say, animal health.

Verhofstadt, a liberal former Belgian premier, tweeted that he would visit May on Tuesday but was unconvinced that, despite her insistence, Britain had stopped making unreasonable demands for continued market access while evading EU rules.

"May needed to move beyond vague aspirations," Verhofstadt said. "While I welcome the call for a deep and special partnership, this cannot be achieved by putting a few extra cherries on the Brexit cake."



Weber, who leads the parliament's biggest bloc, tweeted: "After what I have heard today I am even more concerned. I don't see how we could reach an agreement on Brexit if the UK government continues to bury its head in the sand like this."

ESTADOS UNIDOS

Sequía aumenta el número de animales en feed lots

USDA released their January 1 estimates for cattle inventory late last month and I wanted to walk through some of the high points of this report. Beef cow numbers were estimated to have grown by 1.6% from 2017, which is a little less than half the increase that was seen in the prior year. Although growth in the US herd is clearly slowing, beef cow inventory has increased by 9% since 2014.

Anytime the beef cowherd is expanding, heifer retention is of interest. Heifer retention for beef cow replacement was estimated to be down 3.7% from 2017. Often a decrease in heifer retention is seen as evidence of future decreases in cow numbers, but that is likely not the case this time. This point is probably best made by considering beef heifer retention as a percent of the total number of beef cows in the US, as shown in figure 1. Heifer retention as a percent of beef cow inventory has averaged 17.3% since 1973 and is depicted by the dotted line. The solid red line shows heifer retention as a percent of beef cattle inventory by year. While this number has decreased from its high of 21% in 2016, it is still well above the long term average. So, while heifer retention is decreasing, it appears that we are still developing a sufficient number of heifers to see herd expansion continue. This really speaks to how high heifer retention was just a couple years ago. The largest change from 2017 was a 7% increase in the number of cattle on feed. Monthly reports (which survey only large feedlots) had been showing cattle on feed number above year-ago levels since spring, but had shown especially large increases since fall. Part of this is due to the size of the calf crop, which was 2% larger in 2017, but I think a larger issue involves winter grazing.

The annual inventory report also includes an estimate of cattle grazing small grain pasture on January 1st in Kansas, Oklahoma, and Texas. This estimate serves as a gauge of winter grazing, which has a significant impact on late fall and winter calf markets. USDA estimated a 13% decrease in the number of cattle grazing small grains this January as compared to 2017. I had an opportunity to visit with some of my colleagues in Texas and Oklahoma last week and they confirmed that fewer cattle were placed into winter grazing programs this year and some that were placed had to be sold early due to weather challenges. This would suggest that in addition to the larger calf crop, more light cattle were placed directly on feed this winter. Cattle placed on feed at lighter weights will tend to be on feed longer and finish at slightly lower weights.

Still, the combination of growing cattle on feed inventories and relatively inexpensive feed, should translate into a sizeable increase in beef production for 2018. Increases are also expected for both pork and poultry. This growing supply of meat will be the largest challenge for the beef sector in 2018.

February 28, 2018 Limited winter grazing numbers and early movement of wheat pasture cattle to feedlots means that little of the normal March run of wheat pasture cattle will be seen this year in the Southern Plains. (Wyatt Bechtel) A significant change in the weather pattern of recent months brought rain and ice across roughly half of Oklahoma in the past 7 to 10 days. In a diagonal line from just east of Altus in the southwest to Blackwell in the northcentral part of the state, locations received increasing amounts of moisture moving south and east from about one inch along the line to totals over 11 inches in McCurtain county in the southeast corner of the state. This should take a big bite out of drought conditions in the eastern third and south central part of Oklahoma while moderating drought conditions in central Oklahoma. The driest areas of western Oklahoma mostly missed out, receiving less than one inch to only a few hundredths of an inch. The nine northwest and Panhandle counties in Oklahoma have now gone more than 140 days with less than one quarter inch of rain. These areas of western Oklahoma and the surrounding region face increasingly severe drought prospects as spring approaches; with a high fire danger in the meantime. It's uncertain whether recent rains represent merely an aberration or a change in the La Niña conditions that have prevailed all winter. La Niña conditions are expected to fade this spring and this could be an early start to that. Time will tell.

Drought conditions in the Southern Plains likely contributed to larger than expected feedlot placements in the latest Cattle on Feed report. Total January placements were 104.4 percent of last year, with Texas up 11.1 percent year over year and Oklahoma up 30.6 percent from one year ago. Feedlots placed 8.6 percent more cattle in the September to January period compared to one year ago. Total feedlot marketings in January were 106.1 percent of one year ago. The February 1 on-feed total was 107.9 percent of last year.



Limited winter grazing numbers and early movement of wheat pasture cattle to feedlots means that little of the normal March run of wheat pasture cattle will be seen this year in the Southern Plains. Likewise few cattle remain or are likely to be purchased for wheat grazeout. Early placement of feeders in the feedlots means that the short term supply of feeder cattle outside of feedlots is tighter, as reflected in the year over year decrease in the estimated January 1 feeder supply. However, many of the lightweight feeders placed late in 2017 will remain in feedlots until mid-2018. Feedlots are pretty full and will have reduced demand for feeders for some time yet this spring, thus the overall supply-demand balance may not have changed much. Larger feedlot placements in recent months represents a change in timing of feedlot production but not a change in the overall supply situation. In general, while feedlots will not maintain the placement rate of recent months going forward, feeder cattle numbers will be larger in 2018 supporting increased cattle slaughter and beef production.

Aumenta la contribución en la fana de ganado procedente de corrales con más de 1000 cabezas

01 March 2018 US - The majority of federal inspected steer and heifer slaughter comes from commercial feedlots with capacities of 1,000 head or greater, which is reported by USDA-National Agricultural Statistical Service (NASS) on a monthly basis, according to Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Last Friday, NASS reported that marketings of steers and heifers from these larger commercial feedlots were up 6 per cent in January from a year earlier. A day earlier, NASS estimated that January steer and heifer slaughter (federal inspected) was also up 6 per cent.

Marketings of cattle from these feedlots accounted for 87 per cent of all steer and heifer slaughter. This is just a small fraction of a per cent greater than share of steer and heifer slaughter coming from feedlots in 2017. The percentage share of steer and heifer slaughter coming from 1,000 head capacity feedlots has stayed within the 86-87 per cent range since 2012.

The 13 per cent of the steer and heifer slaughter not accounted for by marketings of cattle from larger feedlots comes from farms primarily focused on grain production using cattle as an alternative to selling corn in the cash grain market, cattle producers marketing "grass fed" animals, and imports of slaughter cattle from Canada. The latter category accounted for 1.4 per cent of slaughter last year, the highest percentage in the last three years, but less than half of what it was ten years ago.

January steer and heifer slaughter exclusive of 1,000 head capacity feedlots was 272,000 head. Monthly cattle import data for January is not available until next week, but just considering total slaughter less feedlot marketings, the 272,000 head tally is a 6 per cent increase from the prior January, similar to the large feedlot marketing increase. One more week-day in January 2018 versus a year ago probably accounts for at least half the gain in both output measures.

Slaughter cattle imports in 2017 were down 10 per cent from the prior year, approaching the lowest level in at least ten years that was seen in 2015. At these levels, slaughter cattle imports are down almost 50 per cent from ten years earlier. Exclusive of slaughter cattle imports and 1,000 head capacity feedlot marketings, steer and heifer slaughter last year increased by about 160,000 head, or 10,000-20,000 head per month, year over year.

Penciling in a preliminary estimate of slaughter cattle imports for January close to the December 2017 volume leads to steer and heifer slaughter outside of large feedlot marketings that is about 20,000 head more than in January 2017.

In some ways, it is surprising that this volume would be maintained given the big placements of cattle into large feedlots in the last half of 2017 (relative to the number of feeder cattle available from recent calf crops). It also may be an impressive statement about the stability of new marketing programs for cattle outside of the conventional feedlot marketing process.

TAILANDIA: reingresa carne Americana con hueso después de 14 años

TheCattleSite News Desk 19 February 2018

Marking the return of US bone-in beef to Thailand after a 14-year absence, USMEF partnered with the USDA Foreign Agricultural Service (FAS) office in Bangkok to host a reception and dinner that encouraged local meat importers to meet with potential end users and explore the process of importing an expanded range of US beef cuts. The event was funded by the USDA Market Access Program (MAP) and the Beef Checkoff Program.

More than 200 people attended the "US Bone-in Beef is Back" gathering at the residence of US Ambassador Glyn Davies, who spoke to guests about the importance of allowing bone-in US beef back into Thailand and his overall commitment to the US beef industry. Mr Davies thanked USMEF and other parties involved, including the Thai government.

Russ Nicely, agriculture counsellor for FAS in Bangkok, opened with remarks on the growth potential for US bone-in beef in Thailand's restaurants and other foodservice establishments.



"The trade contacts present were carefully selected – executive chefs, foodservice managers, steakhouse and restaurants owners, retailers, caterers, meat importers and media representatives," explained Sabrina Yin, USMEF director in the ASEAN region.

"The wait has been long for US bone-in beef to be reintroduced to Thailand, so we wanted the guest list to include the people who have the most potential to do business. It was a win-win for everyone and for US beef."

Ms Yin pointed out that although Thailand is not a big market and has a relatively high import duty of 50 per cent, USMEF will continue to work to increase demand for US beef.

A dinner was prepared with three US bone-in beef cuts: short ribs, tomahawk and oven-prepared ribs, following a US beef steak grilling session for selected local media representatives.

"Local TV stations and social media bloggers were invited to this earlier session to let them have ample time to ask questions and take photos with the ambassador," said Ms Yin.

"The highlight of the evening was the ambassador ceremonially carving the US beef tomahawk steak, followed by group photos with meat importers who already import US bone-in beef."

A handful of US beef importers in Thailand used the opportunity to display their range of bone-in beef items, looking at it as an effective way to reach out to the target end users. US beef brands on display were:

Jagota Brothers Trading – Caviness Beef and Snake River Farm

Gourmet One – Swift Brand

Siam Food Services – Greater Omaha Packing

Tohkaiya Company – MacDonald Meat Company

Udom Supply – National Beef Company

MEDIO ORIENTE tiene un enorme potencial para los exportadores estadounidenses

TheCattleSite News Desk 01 March 2018

UAE - Interest in US beef continues to grow across the Middle East and there is great potential in several markets, USMEF confirmed during its participation in the 2018 edition of Gulfood, the region's largest food trade show.

USMEF's efforts at Gulfood, which attracted more than 5,000 exhibitors and 100,000 visitors to Dubai, were funded by the USDA Market Access Program (MAP) and the Beef Checkoff Program.

Companies from around the world showcased food products and foodservice equipment in more than 120 national pavilions, including the Taste of the USA pavilion, where USMEF distributed information, answered questions and met with buyers and traders interested in US beef.

"Gulfood is one of the largest food trade shows in the world, and its location in Dubai makes it key for importers and exporters wanting to engage and discuss trade," said USMEF President and CEO Dan Halstrom, who was on hand to help USMEF members promote US beef.

"There was a good cross section of Middle East customers at this year's show – from the United Arab Emirates (UAE), Jordan, Kuwait and Egypt – but it's also a global food show, with a lot of buyers from Central Asia and Southeast Asia."

With investment in food production on the rise across the Middle East, exporters see it as a lucrative market. Importers in the region, meanwhile, are on the lookout for suppliers. Mr Halstrom noted that buyers from Saudi Arabia, which reopened to US beef in 2016, continue to demonstrate a preference for the American product.

"We've recently started to see some larger volumes of US beef go into Saudi Arabia, especially toward the end of 2017," Mr Halstrom said. "Quite a few of the Saudi Arabian customers were at Gulfood and seemed excited about US beef, so that was encouraging to see."

Mr Halstrom said other countries showing great promise for US beef include the UAE, Bahrain, Kuwait and Qatar. Qatar was brought up often during Gulfood because it will host the 2022 World Cup.

"We learned that a lot of the key trade is already ramping up, or planning on ramping up, for that event," explained Mr Halstrom. "The number of hotel rooms in Qatar is expected to double just because of the World Cup, so there is definitely a foodservice opportunity there for US beef."

"USMEF and our beef industry members and partners are certainly looking at this as a chance to reach more consumers and share information about US beef with those who may not be familiar with the product's quality and taste."

During this year's Gulfood, USMEF was also able to interact with Ted McKinney, USDA under secretary of agriculture for trade and foreign agricultural affairs. McKinney was a guest chef at Gulfood's culinary salon, where US beef and other US agriculture products were prepared and shared with attendees.

CHINA Evolución del Mercado de carnes enfriadas

21 February 2018 Find out why Australia is well placed to meet growing Chinese consumer demand for premium chilled beef.



Key points

In just the past 10 years, China's direct chilled beef imports have increased from almost nothing in 2007 to 6,558 tonnes shipped weight (swt) in 2017, with Australia supplying the vast majority.

Chilled beef is a relatively new concept for Chinese consumers, even among the more affluent. Demand is expected to continue to grow, with chilled meat potentially making up more than 50% of the market by 2027 (GIRA), supported by factors such as cold chain development and increasing disposable incomes.

Australia is well placed to deal with growing competition in China's chilled beef market by leveraging our market and consumer insights to understand how our product can best meet Chinese consumer needs in certain segments of the market.

China: a valuable destination for chilled beef

Last year, China was Australia's fifth largest chilled beef export market after Japan, the US, Korea and the EU. In fact, the average unit price of Australian chilled beef exports to China in 2017 was 21% above the average of Australia's combined global markets – A\$12.94 compared to A\$10.69 – and rose 9% on the year before, compared to the average of global markets, which was down 1% (Source: GTA).

As a premium product, chilled beef naturally comprises a small proportion of China's total beef imports. In 2017, imports of chilled beef comprised 1% of total direct beef imports by volume (at 6,558 tonnes swt) but 2.4% by value. It's a similar story for Australian beef exports to China, where chilled beef comprises 5% by volume but just over 9% by value of our exports.

Australian chilled beef is sold to both high-end restaurants, most of which are independent rather than chained establishments, and premium retail outlets, including e-retail.

Australian chilled beef in China

Australia's key role in China's imported chilled beef market

Australia has long been China's main chilled beef import supplier, supplying 90% of all imports by volume in 2017. Over the past 10 years, Australia's chilled beef exports to China have increased 16-fold - from 375 tonnes swt in 2007 to 6,045 tonnes swt in 2017.

Australia's exports of chilled cube roll/rib eye roll illustrate the evolution of this trade: in 2007, China ranked as Australia's 15th largest market for this cut, taking just 64 tonnes swt; by 2017, China is now ranked fourth, taking 729 tonnes swt.

Between 2014 and 2016, Australia was China's sole imported chilled beef supplier, offering a unique opportunity to develop the market. At the same time, the limited number of cold stores and plants approved for chilled beef exports, which currently stands at five and 12 respectively, has been a barrier to increasing volumes. We may see the number of listed establishments increase in future, pending the outcome of an audit process following the March 2017 signing of the Australia and China Joint Statement on Enhancing Inspection and Quarantine Cooperation.

Anticipated growth of China's chilled beef market

China's per capita beef consumption is widely forecast to increase over the next few years.

China beef consumption outlook

	2018	2022
China total beef consumption (cwt)	7,992,000 tonnes	8,847,500 tonnes
China per capita beef consumption (per person per year)	5.6kg	6.2kg

Source: BMI Research. Forecast figures.

Domestic production vs demand

Due to a growing gap between domestic production and demand, China will increasingly need to rely on imports to fill this gap – the shortfall between domestic production and consumption will increase 24% from 865,500 tonnes carcass weight (cwt) in 2018 to 1,072,900 tonnes cwt in 2022 (Source: BMI Research).

Chilled meat is currently estimated to make up around 20% of the market; however, GIRA forecast this to rise sharply to 60–70% of the market by 2027.

Traditionally, Chinese consumers have preferred fresh meat over chilled or frozen, due in large part to limited cold storage and logistics. However, Chinese consumers are shifting from both fresh and frozen meat to chilled product. This shift is being driven by several factors: the government is closing down wet markets in large cities, government policy fostering large-scale meat production and centralised animal slaughter, rising food safety standards, animal disease control and improvements in cold chain plus macro shifts such as urbanisation, increased disposable incomes, more eating out and growing acceptance of western-style cuisines.

Over the past decade, Chinese consumers' meat purchasing habits have arguably changed more for beef than for any other protein, due to access (from imports) and the premium positioning of beef, with factors such as provenance, quality standards, traceability and safety playing an important role.



When they purchase meat, average Chinese consumers say their most important considerations are freshness, use-by date, additive/hormone free, meat colour, 100% all natural and price, followed by country of origin and brand. However, these priorities change when consumers can afford premium and imported meat products, many of which have previously been available only in frozen form. Consumers that are more affluent are therefore willing to trade off freshness for provenance and safety – see graphic below.

Chinese frequent imported meat consumers

Emerging competition

China began opening up its chilled red meat market again in 2017, granting access to several new suppliers:

The US in 2017, with 37 establishments approved – exports began in June

New Zealand in March 2017, with 10 establishments approved, initially on a six-month trial basis – exports began in June

Canada in December 2017 announced an agreement to begin a trial to export chilled beef

Argentina in January 2018, for chilled bone-in beef. A sanitary protocol has reportedly been approved.

Australia's key role in supplying chilled beef to China has led to Chinese consumers having a very high regard for Australian beef:

Ability to provide high quality steak

MLA will continue to play a key role in offering China importers, retailers and foodservice sector staff education and training on optimal chilled meat handling, while at the same time raising awareness of and appreciation for the benefits of Australian product over our emerging competitors.

To learn more about the China beef market, click here to access MLA's newly updated China beef market snapshot.

BIELORUSIA accedió al Mercado chino

26 February 2018 - Beef exported from Belarus for the first time entered the Chinese market via the Shanghai Airport Entry-Exit Inspection and Quarantine Bureau recently, ThePaper.cn reported.

The frozen beef from Belarus, weighing 148.45 kilograms, is the first exported to China after the two countries signed a deal in July 2017 approving imports. The deal makes Belarus the 14th country approved to export its beef to China.

Belarus, an important country along the Belt and Road, boasts highly developed animal husbandry and high-quality beef. It exports over 130,000 tons of beef to other countries every year.

China, as the world's third largest beef importer, consumes as much as 7.9 million tons of beef each year.

Against the backdrop of joint construction of the Belt and Road Initiative, China has been expanding its beef imports in recent years. The imported beef is popular among Chinese consumers as it maintains a high quality at a reasonable price.

Statistics show that beef import via the bureau in Shanghai stood at a growth rate of about 20 per cent, while at the same time imports of traditional meat like pork and poultry saw decline in recent years.

The bureau also disclosed that it simplifies the quarantine inspection and customs clearance procedures for the beef imported from approved countries to the Chinese market.

Apart from Belarus, 13 other countries were approved to export beef to China including Argentina, Australia, Brazil, Costa Rica, Canada, the US, Mongolia, Mexico, South Africa, Uruguay, New Zealand, Hungary and Chile.

VARIOS

INDIA: primer exportador mundial de carnes bovinas según OMC

23/02/18 - por Equipe BeefPoint As principais mudanças no poder dos países exportadores no setor de carne e gado na última década foram identificadas na nova análise estatística divulgada pela Organização Mundial do Comércio (OMC).

O órgão global observou como a Índia entre 2006 e 2016 tornou-se uma potência de exportação de carne bovina (principalmente em carne de búfalo), com vendas no exterior aumentando de 79.400 toneladas (1,9% das exportações mundiais) para 1,2 milhões de toneladas (18,7%) e devendo se tornar o maior exportador do mundo.

O crescimento da Índia, em termos de participação de mercado pelo menos, ocorreu quando alguns exportadores tradicionais perderam posição no mercado – a Austrália caiu de 24,6% do mercado mundial de exportação de carne bovina em 2006 para 15,7% (1 milhão de toneladas); e o Brasil passou de 20,6% para 15,7%. No entanto, o volume de vendas desses países foram mais estáveis, dado que as exportações globais aumentaram de 4,1 milhões em 2006 para 6,8 milhões em 2016.



AUSTRALIA: aumentan las existencias de bovinos en feed lots

21 February 2018

Cattle on feed at the end of the December 2017 quarter declined 5% or 51,572 head from the record September quarter to 973,176 head, according to results from the latest ALFA/MLA lot feeding survey.

Compared to the same time last year, however, numbers on feed across Australia increased 4%.

NSW increased 11% to 317,000 head

Queensland declined 4% to 519,000 head

Victoria advanced 23% to 65,000 head

SA eased 4% to 21,000 head

WA increased 51% to 50,000 head.

Diverging cattle saleyard and over-the-hook prices, combined with a rise in feed grain prices during the quarter, weighed heavily on feedlot margins.

However, the proportion of Eastern Young Cattle Indicator (EYCI) eligible cattle (C2 and C3 yearlings and vealers sold through MLA reported saleyards in eastern states) sold to feeders lifted during the quarter, accounting for 49% of total saleyard purchases. This was largely due to a reduction in restocker activity, with hot and dry conditions prevailing after the break in October.

Despite the national saleyard feeder steer indicator increasing during the quarter, it maintained an average identical to that of the September quarter at 304¢/kg live weight. Feeder buyers purchased EYCI eligible cattle at a 19¢/kg live weight discount on average, against their restocker counterparts during the December quarter.

December quarter highlights

For the December 2017 quarter, Australian grainfed beef exports totalled 71,161 tonnes shipped weight, up 11% from the same period last year. Total grainfed exports for 2017 were the largest calendar year volume on record at 272,682 tonnes shipped weight, a lift of 5% year-on-year.

For the December quarter, wheat ex-Darling Downs averaged \$323/tonne, while barley averaged \$317, an increase of 48% and 68% year-on-year, respectively (Profarmer).

The national saleyard feeder steer indicator closed 2017 at 307¢/kg live weight, representing a 37¢ (or 14%) increase from where it finished the September quarter. Average to above-average rainfall in October encouraged stronger competition amongst buyers, driving cattle prices higher.

WA has seen significant lifts in the September - December quarter for cattle on feed. During the past five years, the average increase has been 70%.

IRAN – redujo aranceles a la importación de carnes

27 February 2018 Iran's Cabinet members have reduced import tariffs on frozen beef from 26 per cent to 12 per cent.

The decision was communicated to the ministries of agriculture, industries and economy on Sunday, IRNA reported.

According to Financial Tribune, about 820,000 tons of red meat, accounting for 90 per cent of the domestic demand, are produced in Iran every year. Annual imports stand at about 100,000 tons.

Iran imports beef mainly from Brazil and lamb from Australia, Armenia, Georgia, Dagestan, Mongolia, Russia, Kyrgyzstan and Kazakhstan.

INDONESIA otorgó licencias para importar 100 mil toneladas de carne de búfalo

01 March 2018

Key points:

Inclusive of allocations rolled-over from 2017, permits to import 100,000 tonnes of Indian buffalo meat have been issued to state-owned food distributor, BULOG

Permits a response to overall beef shortage in Indonesia and sustained high prices

Indonesia to remain key trading partner but permits pose further challenge to live export trade, in addition to 5:1 feeder-breeder policy and underlying high cattle prices

Indian buffalo meat has increased penetration in Indonesian wet markets, small-to-medium manufacturing and foodservice segments

Indonesia has issued permits for an additional 100,000 tonnes of Indian buffalo meat, valid until the end of 2018, as part of continued efforts to keep beef prices affordable.

If fully utilised, the permits reflect a further increase in competition in a market worth A\$1.09 billion in export receipts to the Australian cattle industry.

Indonesia is a key beef trading partner with Australia. It is ideally located for the northern cattle export trade and beef consumption in Indonesia is expected to increase by 160,000 tonnes cwe by 2021 (BMI).



In 2017, Indonesia received 60% of Australia's live cattle exports, was the fifth largest beef export market and was the leading destination of beef offal exports.

However, fresh permits must be considered in context of an overall beef shortage in Indonesia, with the local cattle herd unable to meet demand in a country of 264 million people.

In the current market, the cost of cattle in Australia – due to an ongoing herd rebuild – is having a far greater impact on the live and boxed beef trade to Indonesia than additional Indian buffalo meat entering the market.

Indian buffalo meat impacting Australian exports

Indian buffalo meat was first granted access to Indonesia in August 2016 as a measure by the Indonesian government to tackle high local beef prices and to reduce the reliance on Australian imports. The first series of permit allocations were for 110,000 tonnes (for the period of August 2016 to December 2017), almost double the volume of Australian beef exports to Indonesia in 2016, but only about 78% of permit allocation was realised.

The entry of Indian buffalo meat has made Indonesia an increasingly challenging market for Australian exports, alongside high cattle prices and increased regulatory complexity. Live cattle shipments to Indonesia were down 16% year-on-year in 2017, at 512,000 head. Boxed beef exports declined by 19% year-on-year, to 50,000 tonnes swt.

Indian buffalo meat undercuts imported and locally slaughtered beef and has penetrated wet markets in the greater Jakarta region – where about 70% of beef from Australia's feeder cattle exports are ultimately consumed. It is a cheap and ideal substitute for beef in many Indonesian dishes, making it popular among small meat manufacturers and foodservice operators.

Indian buffalo meat attracts consumers and further processors, seeking the cheapest available product on the market, and it is often blended with fresh beef in wet markets to reduce overall purchase costs. Subsequently, it has had a major impact on Australian manufacturing beef exports to Indonesia, which were the bulk of the boxed beef trade in 2016 but more than halved last year to just over 15,000 tonnes swt.

While manufacturing beef and cattle exports to Indonesia have faced headwinds, some segments have shown growth. Boxed beef primal exports in 2017 lifted 35% year-on-year, to 34,000 tonnes swt, underpinned by increased shipments of blade, brisket and outside.

Further supported by the relaxation of cut restrictions and reduced slaughter of imported cattle (and decline in local offal production), offal exports to Indonesia lifted 44%, to 26,000 tonnes swt in 2017.

Indian buffalo to ramp up for Ramadan

The first shipment of Indian buffalo meat for 2018 is expected to arrive prior to Ramadan and Idul Fitri (15 May – 16 June), in anticipation of increased demand over religious festival period. The Indonesian government, through distributors, aims to increase the presence of Indian buffalo meat beyond Greater Jakarta, to wet market operations, BULOG retail shops, and other sectors across the country.

EMPRESARIAS

JBS Couros recibió certificado de Buenas PRácticas

21/02/18 - por Equipe BeefPoint Fonte: Estadão.

A JBS Couros recebeu o reconhecimento de boas práticas nas auditorias do Leather Working Group (LWG) em oito plantas na América do Sul. Entre dezembro de 2017 e janeiro deste ano, sete de suas unidades produtivas e um centro de distribuição na região foram certificados por boas práticas ambientais nos processos produtivos.

No Brasil, as unidades de Barra do Garças (MT), Cacoal (RO), Colorado do Oeste (RO), Porangatu (GO) e São Luiz de Montes Belos (GO) mantiveram medalhas de ouro. As plantas de Uberlândia (MG) e da Província de Buenos Aires (Magdalena), na Argentina, continuaram com a medalha de prata.

Além disso, o centro de distribuição de Campo Grande (MS), em sua primeira participação atingiu a pontuação máxima (100%), segundo a JBS. Criada em 2009, a JBS Couros atua na produção de couros nos estágios wet blue, semiacabado e acabado para os setores automotivo, moveleiro e de calçados e artefatos.

BRASIL: hamburgueserías crece este segmento en el mercado

02/03/18 - por Equipe BeefPoint

O mercado de hambúrgueres anda temperadíssimo, e no país todo: em 2017, só no ramo de franquias movimentou quase R\$ 700 milhões, de acordo com a Associação Brasileira de Franchising. Este ano não deve ser diferente. Somente nesses dois primeiros meses, pelo menos dez novas casas do gênero abriram na cidade.



Com mercado mais maduro, veio também uma volta ao básico. Se antes o cool era ter receitas mirabolantes, com pães coloridos e hambúrgueres impossíveis de abocanhar, agora a tendência é ser mais simples e fazer sanduíches menores.

É o caso do Burgertopia, que, depois de quatro anos rodando pelo Rio em uma Kombi, abriu a primeira loja fixa há duas semanas, na Tijuca. A parada foi fundamental para voltar às origens.

“Cansamos dessa gourmetização que tomou conta do que deveria ser pão e carne bem feitos e resolvemos voltar às raízes”, diz Jimmy McManis. “O hambúrguer hoje já é considerado uma refeição. As pessoas trabalham com ingredientes frescos, carnes frescas. Quem sabe fazer, quem veio do mercado de gastronomia, faz sua própria maionese, não trabalha com produto industrializado. Aqui tudo é nosso, todos os produtos são frescos. A carne chega todo dia, o pão chega todo dia.”

A maionese da casa vem em todos os cinco sanduíches, do mais simples, o hambúrguer (pão e carne, R\$ 16) ao cheese quase tudo (pão, queijo, salada, ovo, bacon, pickles, carne, R\$ 24).

Outro lugar que aposta na simplicidade é a rede paulistana Cabana, que acaba de chegar ao Rio. Destaque para o hambúrguer que leva o nome do lugar, com queijo americano, tomate e molho (R\$ 19), acompanhado com as batatas da casa (R\$ 9), com alecrim, páprica e maionese artesanal com ervas.

Além de hambúrgueres descomplicados, a HOB Hamburgueria tem um cardápio enxuto, com quatro opções de blends, que podem ser servidos em versões de 180g ou 360g. Depois de fazer sucesso na Tijuca, a marca acaba de abrir a primeira filial na Zona Sul, em Botafogo.

O lugar mudou, mas o clima, o sabor e o som continuam os mesmos. Para ouvir, hip-hop. Para comer, Clássico (blend da casa, queijo prato, cebola caramelizada, maionese de bacon, alface e tomate, no pão australiano tostado na manteiga, R\$ 22,90, a versão menor).

Mas, independentemente do tamanho, a fome dos cariocas pelos hambúrgueres só faz crescer. Até dezembro de 2017, o Rio tinha 32 marcas e 62 lojas de hambúrgueres. Pode parecer pouco em números absolutos, mas fato é que a oferta de casas triplicou no ano passado, segundo um levantamento do site especializado InFood.

“As hamburguerias deixaram de ser vistas como uma coisa supérflua, um fast-food. É uma refeição mesmo”, diz Eduardo França, coordenador do MBA em Estratégias e Ciências de Consumo da ESPM. “Enquanto houver potencial de customização, haverá consumidor em busca de experiências diferentes, e isso o produto artesanal permite.”

Na primeira edição carioca do Burger Fest, em 2014, apenas 16 lugares, entre hamburguerias e restaurantes, participaram do evento. Agora, com duas edições anuais, o evento recebe a inscrição de quase 60 casas, das quais só metade é selecionada.

“É um crescimento excelente, e em sua maioria tem perfil de empreendedor jovem”, ressalta Kelly Lobos, idealizadora do evento, que acontecerá entre os dias 18 a 31 de maio. “Nas últimas edições, também percebi mais iniciativas em novos bairros da cidade. É muito bom este lado democrático do segmento.”

Uma das primeiras hamburguerias artesanais do Rio, inaugurada, em 2013, a T.T. Burger abriu sua sétima filial, a maior delas, com três andares, há 15 dias. Uma loja-conceito, em Ipanema, assinada por Isay Weinfeld.

No primeiro andar já está funcionando a lanchonete, com o clássico T.T. Burger (200g de carne, queijo meia cura, tomates, alface romana, pickles de chuchu, pão de batata-doce artesanal, R\$ 42) com a batata-doce palito (R\$ 15), que chegou ontem às lojas. Em breve, o segundo piso terá um mercadinho com produtos da marca e de parceiros, e o terceiro abrigará uma hamburgueria diferente, cujos detalhes são segredo.

“Conceito de alta gastronomia é muito chato, não tem definição. É uma experiência única. E hambúrguer pode ser, sim, alta gastronomia”, defende Deco Meisler, sócio de Thomas Troisgros na empreitada.

Ex-Touro. Uma das pedidas é o Yankee: blend wagyu e angus, queijo cheddar brasileiro, bacon caramelizado no Jack Daniel’s, pickles de pepino da casa. – Tomas Rangel / Divulgação

Yasser Régis, dono do Ex-Touro, é da mesma opinião, e credita a longevidade do hambúrguer ao fato de o sanduíche ter virado sinônimo de refeição casual e de qualidade.

“Você não precisa mais ir a um restaurante caro para comer bem. Você pode ter receitas interessantes, com ingredientes de excelência. Isso tudo num ambiente mais jovem, mais descontraído.”

Recém-aberto na Barra, o Ex-Touro passou de 18 para 50 lugares. De resto, continua igual. O blend de kobe e wagyu é feito na casa, o cheddar vem de Minas — onde é produzido de forma tradicional inglesa, mas com uma leve abrasileirada: um toque de urucum para dar o tom amarelo —, e o pão continua a ser selado na chapa com manteiga.

Para experimentar tudo isso, a pedida é o Kobezilla (blend, pão brioche, queijo cheddar, ketchup artesanal, maionese de wasabi e bacon caramelizado no melaço de cana, R\$ 35).

Com seis casas em São Paulo, a rede Bullguer carimba (literalmente, com um ferro quente no pão) seus primeiros hambúrgueres no Rio e já fechou negócio para abrir mais três lojas até o fim do ano.

“Ninguém vai parar de comer hambúrguer, assim como ninguém vai parar de comer pizza”, diz Cláudio Vaz, responsável por trazer a marca para o Rio, defendendo que preços altos não são sinônimo de



qualidade. “Somos uma hamburgueria gourmet sem as coisas mais afetadas do mundo gourmet, e com preço justo. Você pode vender um produto de qualidade sem ter um preço alto.”

E com o serviço mais informal, sem atendimento na mesa, com o cliente retirando o pedido no balcão, é possível fechar essa conta: o stencil (pão, carne, queijo, cebola roxa, tomate, alface e molho) e o lumberjack (pão, carne, queijo, bacon, pickles e molho) custam R\$ 20 (cada), sempre acompanhados das batatas crinkles com páprica (R\$ 9).

Um serviço mais simples não significa menos conforto. É cada vez mais comum as hamburguerias perderem a cara de lanchonete e ficarem mais próximas aos restaurantes. Abrindo a terceira loja na cidade (a rede tem uma em Brasília) na próxima semana, o B, de Burger, que vende em média 39 mil hambúrgueres por mês, faz tudo para o cliente se sentir em casa.

“Apesar de sermos uma hamburgueria, temos um ambiente tranquilo para comer, os clientes ficam aqui por uma hora, uma hora e meia”, diz Monique Moraes, sócia da casa que tem como característica marcante o ponto da carne: selada por fora, mal passada por dentro e morninho no meio.

Desde que abriu, em 2015, eles têm uma carta de cerveja para harmonizar com os hambúrgueres. A ideia deu tão certo que surgiu a B, beer, combinação ideal para o carro-chefe da casa, o B, de Burger (hambúrguer de costela 210g angus gold, queijo cheddar, maionese de bacon, cebola caramelizada na cerveja escura).

Com a terceira loja aberta em novembro, no Centro de Visitantes das Paineiras, e com a quarta prevista para abril, no Norte Shopping, o Burger Joint conquistou rapidamente os cariocas pelo jeito informal do lugar e, claro, pelo sabor dos sanduíches. O Ogroburger (pão, carne, queijo camembert empanado, alface, tomate, cebola roxa, pickles e maionese da casa, ketchup, mostarda dijon, R\$ 30) é um dos mais conhecidos.

Com cardápio megaenxuto, com apenas três opções, o Hell's Burguer também dá expediente em mais um endereço. Além da Barra e de Botafogo, a hamburgueria está no Centro com seus sanduíches infernais, como o fifty fifty (200g, metade blend da casa, metade bacon defumado, cheddar, R\$ 27).

Já a LeMax fez o caminho inverso e levou seus hambúrgueres batizados com nomes de atores e filmes do Centro para Botafogo. Kevin Bacon (pão australiano, hambúrguer de picanha 200g, cheddar, bacon, alface, tomate, cebola roxa e molho barbecue, R\$ 26) e Mad Max (cheddar, bacon, ovo, alface, tomate, pão e molho sweet and spicy, R\$ 26) estão em cartaz.

Na contramão do minimalismo (afinal, tem espaço para todos), com um cardápio extenso e salões enormes, o Madero abraça mais um bairro da Zona Sul, e abre uma loja no Rio Sul, com capacidade para 149 pessoas. Quem pisa por lá pela primeira vez a pedida obrigatória é o clássico cheeseburger Madero (hambúrguer de 180g, pão crocante, alface americana, tomate, cebola grelhada, queijo cheddar, maionese artesanal e fritas, R\$ 38). A foto do Instagram está garantida.

Fonte: Reportagem de Marcella Sobral, para o O Globo.